

**INSTITUTO FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL - IFRS  
CÂMPUS FELIZ**

**ANNA LUIZA BENCKE ROHR**

**INTERCÂMBIO DE IDIOMAS:  
CONTRIBUIÇÕES PARA A FORMAÇÃO PROFISSIONAL DE  
PROFESSORES DA ÁREA DE LETRAS**

Feliz/RS

2024

Anna Luiza Bencke Rohr

**INTERCÂMBIO DE IDIOMAS:  
CONTRIBUIÇÕES PARA A FORMAÇÃO PROFISSIONAL DE  
PROFESSORES DA ÁREA DE LETRAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso Superior de Licenciatura em Letras – Português/Inglês do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul como requisito para a obtenção do título de Licenciado em Letras.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Carine Winck Lopes.

Feliz/RS

2024

Anna Luiza Bencke Rohr

**INTERCÂMBIO DE IDIOMAS:  
CONTRIBUIÇÕES PARA A FORMAÇÃO PROFISSIONAL DE  
PROFESSORES DA ÁREA DE LETRAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso Superior de Licenciatura em Letras – Português/Inglês do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul como requisito para a obtenção do título de Licenciado em Letras.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Carine Winck Lopes.

Aprovado em 12 de dezembro de 2024.

BANCA EXAMINADORA:

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Carine Winck Lopes

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul - IFRS

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Aline Evers

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Tatiane Kaspari

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul - IFRS

## **AGRADECIMENTOS**

Palavras não são suficientes para demonstrar tamanha gratidão que tenho a meus pais, Andréa e Giovani, que sempre foram os maiores incentivadores dos meus sonhos e que me permitiram vivenciar uma das experiências mais marcantes da minha vida: o intercâmbio de idiomas. A eles, que nunca me deixaram desistir da formação docente e que demonstram tamanho orgulho pela escolha realizada por mim, meu muito obrigada.

Agradeço à minha avó, Ivone, por ser a minha maior incentivadora pela busca de conhecimento.

À minhas madrinhas, Marilene e Silvania, por servirem de modelos e inspiração na escolha de minha profissão e dos meus caminhos enquanto professora.

Ao meu namorado e amigos, que compreenderam minha ausência neste momento de extrema dedicação.

Aos professores que fizeram parte da minha caminhada enquanto aluna, especialmente aos de língua inglesa, que foram capazes de transmitir o amor pelo idioma em seus ensinamentos.

Agradeço ao IFRS pelo curso que zela tanto pela formação de seus alunos, através de uma educação gratuita e de qualidade.

Também, gostaria de expressar meu profundo agradecimento às professoras Aline e Tatiane, por aceitarem compor a banca examinadora desta pesquisa. Ao tempo dedicado na leitura e avaliação de meu trabalho, muito obrigada.

Especialmente, agradeço a minha orientadora, Carine, que enfrentou os desafios da escrita comigo, desempenhando seu papel com grande afetividade e dedicação.

Por fim, agradeço imensamente aos sujeitos participantes desta pesquisa. Sem a participação de vocês esta pesquisa não seria possível.

*“As palavras só têm sentido se nos ajudam a ver o mundo melhor. Aprendemos palavras para melhorar os olhos”.*

(Rubem Alves)

## RESUMO

A prática de intercâmbio de idiomas tem sido crescente no mundo desde o fim da Segunda Guerra Mundial. Esta pesquisa propõe compreender de que maneiras a experiência de intercâmbio de idiomas contribuí para a prática pedagógica de professores de língua inglesa. Dentre os objetivos, destaca-se contextualizar do ensino de língua inglesa e a cultura do intercâmbio no Brasil, refletir sobre os impactos que a experiência de intercâmbio possui nos sujeitos intercambistas e analisar as diferentes maneiras que esta experiência influencia na prática pedagógica dos docentes. A problematização teórica se pauta em autores como Paulo Freire (1996), Geraldi (2015), Vilson J. Leffa e Valesca B. Irala (2014) e Vera Lúcia Menezes de Oliveira e Paiva (2009). A pesquisa está composta por dados qualitativos, resultantes de respostas obtidas a partir da aplicação de questionário eletrônico à sete participantes. As análises realizadas permitem afirmar que a prática de intercâmbio influencia não somente na prática pedagógica dos docentes participantes, mas também nas demais áreas da vida, ressaltando a importância das vivências interculturais.

**Palavras-chave:** Intercâmbio de idiomas; Língua inglesa; Docência.

## ABSTRACT

The practice of language exchange has been growing worldwide since the end of World War II. This research aims to understand how the experience of language exchange contributes to the pedagogical practice of English language teachers. Among the objectives, we highlight the contextualization of English language teaching and the culture of exchange language programs in Brazil, reflection on the impacts that the exchange experience has on exchange students and analysis of the different ways in which this experience influences the pedagogical practice of teachers. The theoretical problematization is based on authors such as Paulo Freire (1996), Geraldi (2015), Vilson J. Leffa and Valesca B. Irala (2014) and Vera Lúcia Menezes de Oliveira e Paiva (2009). The research is composed of qualitative data, resulting from responses obtained from the application of electronic questionnaires to seven participants. The analyses carried out allow us to state that the practice of exchange influences not only the pedagogical practice of the participating teachers, but also other areas of life, highlighting the importance of intercultural experiences.

**Keywords:** Language exchange; English language; Teaching.

## LISTA DE ABREVIATURAS

BELTA	Associação Brasileira de Agências de Intercâmbio
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
MEC	Ministério da Educação
EAD	Ensino a distância
PDPI	Programa de Desenvolvimento Profissional para Professores de Língua Inglesa nos Estados Unidos
MIPEX	Migrant Integration Policy Index
CRISP	Iniciativa de Reassentamento Sustentável e Vias Complementares
OIM	Organização Internacional para as Migrações
AFS	American Field Service

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	<b>100</b>
<b>2. EIXOS TEMÁTICOS DA PESQUISA</b> .....	<b>144</b>
<b>2.1 O ensino de Língua Inglesa</b> .....	<b>14</b>
2.1.1 Breve Histórico de ensino de língua inglesa no Brasil.....	15
2.1.2 Metodologias de ensino de línguas através do tempo.....	18
<b>2.2 Qual aula queremos? A importância de uma aula que acontece</b> .....	<b>20</b>
<b>2.3 Cursos de formação em língua inglesa no Brasil</b> .....	<b>23</b>
<b>2.4 Cultura de intercâmbio no Brasil</b> .....	<b>28</b>
2.4.1 A prática de intercâmbio entre professores de língua inglesa.....	29
2.4.2 A importância da diversidade cultural presente nos intercâmbios.....	31
<b>3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b> .....	<b>344</b>
<b>4. ANÁLISE DOS RESULTADOS</b> .....	<b>Erro! Indicador não definido.36</b>
<b>4.1 Perfil dos professores intercambistas participantes</b> .....	<b>36</b>
<b>4.2 Motivações e expectativas para o intercâmbio</b> .....	<b>41</b>
<b>4.3 Contribuições gerais da experiência</b> .....	<b>49</b>
<b>4.4 Contribuições da experiência para a prática docente</b> .....	<b>59</b>
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>71</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>73</b>
<b>APÊNDICES</b> .....	<b>77</b>

## 1. INTRODUÇÃO

A contemporaneidade trouxe consigo o processo de globalização, que, desde o final do século XX, tem modificado a maneira de interação entre os países e seus povos. Considerando a globalização como um conjunto de transformações políticas, sociais e econômicas, o planeta adquiriu, por isso, um novo *status* e transformou-se num território de todo o mundo (Brum e Bedin, 2003).

A globalização, sendo um fenômeno crescente, apresenta a necessidade de uma comunicação eficiente entre todas as partes do planeta Terra. A língua inglesa, nos dias atuais, é considerada pelos países desenvolvidos como a língua da comunicação mundial e está presente nas mais diversas áreas: ciência, artes, economia, política, tecnologia, entre outras.

A internacionalização do conhecimento não é um fenômeno recente, mas foi acelerado pela globalização, pois os avanços tecnológicos permitiram o surgimento de novos meios de comunicação e de compartilhamento de saberes. No Brasil, por volta da década de 1990, com o surgimento da internet e dos cursos particulares de idioma, o contexto educacional é afetado por esse fenômeno, o que promove um significativo aumento na busca por conhecimento e um incentivo à internacionalização do mesmo.

Tanto a globalização como a internacionalização do conhecimento são dois processos que evidenciam a importância de uma linguagem comum para a comunicação entre as nações. Segundo a plataforma de dados *Enciclopédia Britannica* (2023), a língua inglesa é a mais falada no mundo, contando com mais de 1 bilhão de falantes e, assim como a língua francesa, é considerada uma língua franca.

Com o aumento das demandas de aprendizagem da língua inglesa, é preciso refletir sobre as perspectivas de ensino atuais, considerando que o uso da língua possui a finalidade de conectar cidadãos de diferentes lugares do mundo. Segundo Silva (2019, p. 161),

[...] outras variedades da língua inglesa que não apenas norte-americana ou britânica precisam ser apresentadas aos alunos no desenvolvimento das habilidades receptivas e nas de compreensão, assim como os temas trazidos para a sala de aula, os quais abrangem questões sociais de alcance global, precisam ser ampliados.

Decorrente desses fatores, o intercâmbio de estudos tem se mostrado uma atividade em expansão. O *Ministério do Turismo* (2010) define intercâmbio de estudos como uma “movimentação turística gerada por atividades e programas de aprendizagem e vivências para fins de qualificação, ampliação de conhecimento e de desenvolvimento pessoal e profissional”. O mercado brasileiro de Educação Internacional também registrou crescimento desde o ano de 2022, após o controle da COVID-19, segundo a Pesquisa Selo Belta 2023, divulgada pela Associação Brasileira de Agências de Intercâmbio (BELTA). A mesma pesquisa informa, ainda, que 28,6% dos respondentes tinham a intenção de viajar para outro país no primeiro semestre de 2024 e 21% planejavam realizar um intercâmbio em 2025, ou, posteriormente.

A reflexão sobre quais haviam sido os impactos de um intercâmbio, considerando os aspectos pessoais e profissionais e também sobre como o que fora aprendido no curso realizado no exterior poderia ser aplicado nas aulas em que ministrei iniciaram após uma curta experiência com intercâmbio de estudos de língua inglesa, sendo eu, discente do curso de Letras – Português/Inglês do Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS) – Campus Feliz.

A realização de um intercâmbio de estudos é algo almejado por grande parte dos indivíduos, especialmente, para aqueles que necessitam de algum idioma específico para o trabalho e enxergam essa experiência como uma oportunidade de aperfeiçoamento. Importa considerar que conhecer outros países sempre foi algo que almejei. No entanto, essa experiência, que parecia ser muito distante, aproximou-se no momento em que iniciei a docência em uma escola de idiomas aliada a uma agência de intercâmbio. Essa agência, que realiza intercâmbios de grupos para Malta no período de férias escolares, fez esse sonho parecer algo mais possível de ser realizado. Até aquele momento, nunca havia ouvido falar desse pequeno país Europeu que contempla tantas belezas e que foi integrador de uma proposta de intercâmbio financeiramente acessível.

Em apenas três semanas, entre os meses de janeiro e fevereiro de 2023, tive a oportunidade de sentir o frio do inverno europeu enquanto viajava por quatro países, sendo eles a própria ilha de Malta, Itália, França e Bélgica, e, hoje, trago comigo um pouco de cada lugar por qual passei.

A oportunidade de experienciar tanta diversidade cultural e de conhecer tantas pessoas, mesmo em um espaço de tempo curto, fez com que a minha leitura de mundo se ampliasse. As lembranças das lindas praias de Malta e das aulas de inglês com a minha turma composta de colegas colombianos, espanhóis, alemães e coreanos, a expressividade intensa dos italianos, pelo romantismo atribuído a cidade de Paris, a gastronomia e festividade dos *pubs* de Bruxelas somadas a todas as histórias e pessoas que conheci fazem parte de quem sou hoje.

Após essa experiência, consigo perceber alguns efeitos em minha prática docente. Em uma sala de aula multicultural, na qual precisávamos utilizar apenas o Inglês para nos comunicarmos sem poder recorrer a nossa língua materna, refleti sobre como os estudantes se sentem ao serem expostos a um novo idioma, e em como se fazer entender e compreender os outros torna-se algo muito mais complexo. Lembro-me dos trabalhos coletivos, nos quais tentávamos estabelecer sentido em nossas discussões para encontrar as palavras “corretas” ou as palavras que “sumiam” na hora da comunicação. Tínhamos um ambiente que acolhia a todos em sua diferença, rodeado de curiosidade e, hoje, busco transmitir esse sentimento para meus alunos.

Considerando a crescente busca por conhecimento e o aumento do mercado de intercâmbios educacionais, a presente pesquisa busca estabelecer uma relação entre as experiências de intercâmbios educacionais entre professores de língua inglesa e as influências deixadas pelas mesmas no que tange o planejamento e a didática docente em sala de aula. Para isso, a pergunta norteadora deste trabalho é: “Qual a importância do intercâmbio de idiomas na formação profissional de professores da área de Letras e de que modo a experiência influencia na prática pedagógica docente desses profissionais?”.

Nesta pesquisa, consideramos “experiência” não apenas o aprendizado linguístico adquirido pelo sujeito intercambista (que não nos caberia medir), mas também as experiências sociais, considerando o compartilhamento de saberes, as vivências entre diferentes culturas e as diversas possibilidades de aprendizado sobre o extralinguístico. Segundo o doutor em Pedagogia, Jorge Larrosa (2002, p. 21), “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca”.

Sendo assim, a presente pesquisa foi desenvolvida com o objetivo geral de compreender de que modo o intercâmbio na área de idiomas influencia na formação de professores de Letras. Dentre os objetivos específicos, destaco: contextualizar o ensino de língua inglesa e a cultura do intercâmbio no Brasil, refletir sobre os impactos que a experiência de intercâmbio possui nos sujeitos intercambistas e analisar de que maneiras esta experiência influencia na prática pedagógica dos docentes.

O público-alvo deste estudo são professores da área de Letras, que preferencialmente lecionem a disciplina de Língua Inglesa e que tenham tido experiência de intercâmbio educacional. O instrumento de pesquisa são questionários online (Google formulário) contendo perguntas sobre as experiências profissionais e pessoais dos docentes participantes. Os resultados obtidos a partir das respostas recebidas possibilitaram subsídios que correspondem aos objetivos descritos anteriormente.

A seguir, o segundo capítulo aborda a revisão da literatura, com as reflexões teóricas das questões sobre o ensino-aprendizagem da Língua Inglesa no Brasil e os dados sobre a origem, o crescimento das práticas de intercâmbio e a interação multicultural presente nessa experiência.

No terceiro capítulo, são apresentadas as etapas desenvolvidas durante a pesquisa, expondo o passo a passo da busca pelos docentes participantes e a escolha e planejamento do instrumento utilizado para reunir e analisar os resultados obtidos para o desenvolvimento da pesquisa.

O quarto capítulo possui como objetivo apresentar a análise das respostas obtidas a partir dos questionários encaminhados aos participantes da pesquisa, ou seja, nele analiso os efeitos da experiência de intercâmbio de acordo com os objetivos do estudo.

Para finalizar, no último capítulo, apresento as considerações finais a respeito dos resultados deste trabalho e também em que âmbito este contribui para o meio científico-acadêmico e social da área da educação.

## 2. EIXOS TEMÁTICOS DA PESQUISA

### 2.1 O Ensino de língua inglesa

O ensino e a aprendizagem de línguas estrangeiras têm recebido uma atenção crescente, proporcional ao desenvolvimento também crescente das possibilidades de estabelecer relações comerciais, políticas, culturais e contatos pessoais com indivíduos de outras partes do mundo. Com início na segunda metade do século XX, o processo de globalização e, conseqüentemente, o crescimento político, econômico e social dos Estados Unidos, resultou no fortalecimento e consolidação da língua inglesa como língua oficial de comunicação da globalização.

Contemporaneamente, o inglês é adotado como língua oficial por mais de 70 países (como Austrália, Escócia, Inglaterra, Irlanda, Nova Zelândia, Estados Unidos, Bahamas, Granada, Guiana, Jamaica, etc.) e é ensinado como língua estrangeira em mais de 100 países, a exemplo de China, Rússia, Alemanha, Espanha, Egito, Brasil, entre outros.

Segundo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018), documento que é referência para a elaboração curricular das escolas brasileiras,

Aprender a língua inglesa propicia a criação de novas formas de engajamento e participação dos alunos em um mundo social cada vez mais globalizado e plural, em que as fronteiras entre países e interesses pessoais, locais, regionais, nacionais e transnacionais estão cada vez mais difusas e contraditórias (Brasil, 2018, p. 241).

O ensino de língua inglesa tem sido objeto de pesquisa no Brasil e no mundo. Para a população brasileira, o inglês é ensinado e aprendido como a segunda ou até a terceira língua, pois muitos indivíduos, além da língua materna, possuem o conhecimento de outras línguas. Leffa e Irala (2014) apontam que o termo mais adequado a ser utilizado seria o de “língua adicional”, pois “O uso do termo “adicional” traz vantagens porque não há necessidade de se discriminar o contexto geográfico (língua do país vizinho, língua franca ou internacional) ou mesmo as características individuais do aluno (segunda ou terceira língua)” (2014, p. 32).

Para a BNCC (2018), a língua inglesa é tratada em seu *status* de língua franca, focando em sua função social e política. Segundo o documento, seu estudo possibilita “a todos o acesso aos saberes linguísticos necessários para engajamento e participação, contribuindo para o agenciamento crítico dos estudantes e para o exercício da cidadania ativa” (Brasil, 2018, p. 241). Apesar de utilizarem terminologias distintas para se referirem ao ensino-aprendizagem do idioma em questão, Leffa e Irala (2014) afirmam que o domínio de outras línguas passa a ser um direito de todos e que “Negar ao aluno o acesso a uma língua adicional não é apenas uma maneira de excluí-lo, com prejuízo para o exercício de sua cidadania; é também uma maneira de retardar o desenvolvimento de um país no mundo contemporâneo” (2014, p. 35).

Compreende-se, assim, que o ensino-aprendizagem de língua inglesa deve favorecer o exercício da cidadania ativa dos indivíduos para que possam participar social e politicamente no mundo globalizado da contemporaneidade. Em seguida, encontra-se uma exposição sobre o ensino de inglês no Brasil e uma análise das necessidades atuais referentes ao ensino-aprendizagem do idioma.

### 2.1.1 Breve histórico de ensino da língua inglesa no Brasil

A história do ensino de língua inglesa no Brasil teve início juntamente com a chegada da Família Real portuguesa ao país no princípio do século XIX. Em virtude do apoio bélico e econômico e ao relacionamento do Império Britânico com a Família Real, D. João VI assinou uma lei em 22 de junho de 1809 que tornou o ensino da língua inglesa oficial na corte do Brasil. Cabe ressaltar que, naquela época, a língua inglesa não possuía tanta importância quanto a francesa, que era reconhecida como a língua franca daquele período. Segundo o documento referido:

E, sendo outrossim, tão geral e notoriamente conhecida a necessidade de utilizar das línguas francesa e inglesa, como aquelas que entre as vivas têm mais distinto lugar, e é de muita utilidade ao estado, para aumento e prosperidade da instrução pública, que se crie na Corte uma cadeira de língua francesa e outra de inglesa (Moacyr, 1936, p. 61).

A partir de 1837, a língua inglesa passou a ser parte integrante de certos colégios e liceus, com carga horária e programas instituídos. No mesmo ano, foi fundado o Colégio D. Pedro II, que teve desde sua fundação a língua inglesa presente

no seu currículo, juntamente com o francês, latim e grego. Durante o Império, o ensino de língua inglesa teve carga horária reduzida, considerada como disciplina opcional que ocasionou uma baixa procura por parte dos estudantes. Para além disso, os cursos eram carentes de metodologias adequadas e exigiam dos alunos apenas conhecimentos gramaticais necessários à leitura e tradução de textos escritos.

Após a Proclamação da República, em 1889, o ministro Benjamin Constant promoveu reformas no sistema educacional do país. No que tange ao ensino de línguas estrangeiras, tanto o inglês como o italiano e o alemão tornaram-se não obrigatórios, juntamente com o ensino das literaturas estrangeiras. Entretanto, após uma nova reforma educativa por Amaro Cavalcanti, o ensino de línguas estrangeiras passa a ser facultativo, com o retorno das abordagens literárias.

No início do século XX, o Decreto nº 8.659 de 1911 implementou a Lei Rivadávia Corrêa, que adotou a desoficialização do ensino no país, o que permitiu à iniciativa privada criar faculdades próprias. A lei também reduziu o tempo mínimo necessário para aprender novos idiomas, inclusive o inglês, que teve seu período de aprendizado diminuído em um terço, além de buscar o desenvolvimento não somente da escrita e da leitura, mas também da habilidade de fala.

Na década de 1930, ocorreram grandes avanços frente ao ensino de língua inglesa. No ano de 1931, o sistema educacional passou por mais uma reforma proposta pelo primeiro ministro da Educação e Saúde, Francisco Campos. O currículo foi organizado em séries, a frequência passou a ser obrigatória nas escolas, o ciclo fundamental fora dividido em cinco anos e o ciclo complementar em dois anos, além da exigência de prova para entrada no ensino superior. A respeito das línguas estrangeiras, a principal mudança diz respeito ao método, na medida em que essa reforma introduzia oficialmente o ensino das línguas estrangeiras através das próprias línguas, estabelecendo o método direto. Surgem os primeiros institutos particulares, com destaque para a Sociedade Brasileira de Cultura Inglesa (atualmente conhecida por Cultura Inglesa), inaugurada no Rio de Janeiro em 1934, com o objetivo de proporcionar a “difusão no país, da língua e das manifestações de pensamento, ciências e artes inglesas e, por igual, no Império Britânico, do que concerne ao nosso idioma e o que se tem feito nas letras, ciências e artes no Brasil” (Dias, 1999, p. 89).

Em 1961, a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) modifica o currículo de ensino de ginásio e científico para o 1º grau e o 2º grau e desobriga o ensino das línguas estrangeiras, deixando a decisão sobre incluir ou não os idiomas a cargo dos Conselhos Estaduais de Educação. Em 1971, dez anos depois, a LDB é revisada com foco profissionalizante na educação, fato que reduziu ainda mais a carga horária destinada às línguas estrangeiras. Neste período, houve o crescimento dos cursos particulares de idiomas devido a não necessidade de aprender um outro idioma na escola regular.

Em 1996, é criada uma nova LDB e, em 1999, são criados os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), ambos os documentos que se complementam e ressaltam a necessidade de uma língua estrangeira tanto no Ensino Fundamental quanto no Ensino Médio. O documento aborda que a aprendizagem de uma língua estrangeira “não é só um exercício intelectual em aprendizagem de formas e estruturas linguísticas em um código diferente; é, sim, uma experiência de vida, pois amplia as possibilidades de se agir discursivamente no mundo” (PCN, 1999, p. 38).

Em 2017, com a criação da BNCC, a língua inglesa passou a ser considerada como língua franca, o que implica priorizar a função social e política do idioma, e seu ensino passa a ser obrigatório a partir do 6º ano do ensino fundamental. Essa percepção implica entender que a língua não é mais a do “estrangeiro” e que não existe um inglês correto a ser ensinado, mas sim de considerar os usos dela feitos ao redor do mundo. Segundo o documento, esse entendimento,

[...] favorece uma educação linguística voltada para a interculturalidade, isto é, para o reconhecimento das (e o respeito às) diferenças, e para a compreensão de como elas são produzidas nas diversas práticas sociais de linguagem, o que favorece a reflexão crítica sobre diferentes modos de ver e de analisar o mundo, o(s) outro(s) e a si mesmo (Brasil, 2018, p. 242).

Em 2013, o Instituto de Pesquisa Data Popular elaborou, em parceria com a British Council, uma pesquisa denominada “Demandas de Aprendizagem de Inglês no Brasil” com o objetivo de entender o interesse da classe média brasileira em aprender inglês e de analisar as possíveis demandas do ensino do idioma. Na época em questão, a pesquisa concluiu que “o ensino do inglês resume-se a noções iniciais das regras gramaticais, leitura de textos curtos e desenvolvimento da habilidade de resolver

testes de múltipla escolha voltados para o vestibular” (2014, p. 12). A BNCC (2018) busca romper com esta ideia propondo um conceito de língua como construção social, a partir da qual o/a estudante seja capaz de se reinventar e interpretar as formas de expressão de ideias, valores e sentimentos.

### 2.1.2 Metodologias de ensino de línguas através do tempo

A compreensão dos rumos que o ensino de língua estrangeira tem seguido torna-se fundamental para analisar a trajetória dos métodos de ensino. Diane Larsen-Freeman, linguista estadunidense reconhecida por suas pesquisas no campo de aquisição de segunda língua, aborda em sua obra *Techniques and Principles in Language Teaching* (2000), uma exploração dos principais métodos dessa área.

O primeiro método de ensino de língua estrangeira do qual se tem conhecimento é o método de gramática e tradução. Inicialmente utilizado para ensinar as línguas clássicas (como latim e grego), esse método procurava auxiliar os aprendizes na leitura e apreciação da literatura. Entretanto, com exercícios de tradução da língua materna para a língua alvo e vice-versa, esse objetivo estava distante de ser cumprido.

Segundo Freeman,

Era pensado que o aprendizado de uma língua estrangeira iria auxiliar os estudantes a crescerem intelectualmente; era reconhecido que os estudantes provavelmente nunca iriam utilizar a língua alvo, mas o exercício mental de aprender seria benéfico de qualquer maneira (Freeman, 2000, p. 11, tradução nossa)<sup>1</sup>.

Com a falha do método gramática e tradução no desenvolvimento da habilidade da comunicação, surge, no século XX, o método direto. Com o objetivo de comunicação na língua-alvo, o aprendiz deveria associar os significados da língua estrangeira utilizando-se da própria língua, sem interferência da língua materna. Apesar do esforço de fazer o/a estudante “pensar na língua alvo”, os materiais proporcionavam o estudo de frases descontextualizadas e o foco ainda permanecia em aspectos gramaticais.

---

<sup>1</sup>“It was thought that foreign language learning would help students to grow intellectually; it was recognized that students would probably never use the target language, but the mental exercise of learning it would be beneficial anyway”.

Assim como o método direto, o próximo a ser estudado também tem foco na comunicação. Desenvolvido durante a Segunda Guerra Mundial, décadas de 1950 e 1960, devido à necessidade de um rápido ensino de línguas aos soldados, o método áudio-oral, também conhecido como áudio-lingual, teve suporte da psicologia com o método behaviorismo, pois considerava o erro como algo a ser evitado a todo custo. Entende-se, nesse método, a língua como “um conjunto de hábitos a serem automatizados e não mais como um conjunto de regras a serem memorizadas” (Paiva, 2005, p. 127-140).

No final da década de 1970 e início da década de 80, os educadores começaram a questionar se o desenvolvimento da habilidade de comunicação estava sendo realmente realizada de maneira efetiva. Pôde-se observar que “estudantes podem saber as regras do uso linguístico, mas serem incapazes de usar a linguagem” (Freeman, 2000, p. 121, tradução nossa)<sup>2</sup>. A abordagem comunicativa surge com pretexto de reformular o método de ensino, considerando que não basta apenas o conhecimento linguístico, mas também competência comunicativa para uma comunicação efetiva.

Paiva (2005) destaca como principais características da abordagem comunicativa:

1. a língua deve ser entendida como discurso, ou seja, um sistema para expressar sentido,
  2. deve-se ensinar a língua e não sobre a língua,
  3. a função principal da língua é a interação com propósitos comunicativos,
  4. os aprendizes devem ter contato com amostras de língua autêntica,
  5. a fluência é tão importante quanto a precisão gramatical,
  6. a competência é construída pelo uso da língua,
  7. deve-se incentivar a criatividade dos alunos,
  8. o erro deve ser visto como testagem de hipóteses,
  9. a reflexão sobre os processos de aprendizagem deve ser estimulada de forma a contribuir para a autonomia dos aprendizes,
  10. a sala de aula deve propiciar a aprendizagem colaborativa.
- (Paiva, 2005, p. 127-140).

Em 2013, a pesquisa previamente citada, realizada pela British Council, afirmava que “Os métodos de ensino favoritos estimulam constantemente a conversação: a preferência declarada é por aulas em inglês, que “forcem” o desenvolvimento das habilidades do aluno” (British Council, 2014, p. 23). Apesar de esta ser uma das

---

<sup>2</sup> Students may know the rules of linguistic usage, but be unable to use the language.

maiores demandas do ensino de língua estrangeira, ao analisar o ensino no Brasil, ainda se identificam práticas muito ligadas à tradução e com atividades distantes da realidade dos estudantes. Entretanto, lentamente, se visualiza uma mudança neste cenário, que começa a proporcionar o uso efetivo da língua por parte de seus aprendizes.

## **2.2 Qual aula queremos? A importância de uma aula que acontece**

Durante a carreira docente, o/a profissional professor/a se depara com questionamentos constantes, como: o que ensinar, como ensinar, por que ensinar e para quem ensinar. Esses questionamentos estão fortemente ligados ao conceito de escola de que se tem conhecimento. O educador João Wanderley Geraldi possui formação em Direito e Letras, sendo um dos nomes mais importantes do campo dos estudos da linguagem no Brasil. Em seu texto, *A aula como acontecimento* (2015), define a escola como:

[...] lugar em que se ensina, lugar em que se aprende. Como ensinar e aprender demandam objectos, e estes são conhecimentos, então há na escola uma relação com certos conhecimentos. A relação é triádica: o professor, o aluno e os conhecimentos (Geraldi, 2015, p. 82).

A relação triádica apontada como parte fundamental da escola por Geraldi (2015) tem sofrido impactos em decorrência da globalização. Com o desenvolvimento de numerosas tecnologias que são eficientes para as mais amplas áreas da sociedade, a escola tem enfrentado desafios diversos nas ações de ensinar e aprender. A velocidade e facilidade do acesso à informação contribui para que o papel da instituição escola não possa mais ser apenas de transmitir conhecimentos, visto que as informações estão a um *click* de distância.

Larrosa (2018) propõe um modelo de educação baseado na experiência, na qual se estabelece uma relação entre o educando e o mundo. Essa seria uma educação capaz de tornar o mundo um lugar interessante, que se afasta da pressão metodológica da técnica científica ou institucional. É uma educação que dá espaço para a criação do novo. Segundo o autor,

A educação, diz-se, se confunde com a vida e, portanto, nada pode resistir à pedagogização geral da existência. A escola, diz-se, se confunde com o mundo, com a cidade, ou com a rede, e, portanto, já não há escola, ou a escola se torna prescindível (Larrosa, 2018a, p. 249).

Se a escola não é mais o lugar de transmissão de conhecimentos, torna-se essencial repensar os conceitos de ensinar e aprender. Se os alunos não aprendem mais da mesma maneira, não se pode ensinar como se ensinava anteriormente. Se o acesso ao conhecimento ocorre de forma imediata, faz-se necessário mudar o objetivo da busca. Ou seja, ao invés de buscar as respostas, precisa-se ensinar a problematização e a construção de novos saberes.

A partir disso, Geraldi expõe que aprender “é ser capaz de compreender problemas, formular perguntas e saber caminhos para construir respostas” e que ensinar “é ensinar o sujeito aprendente a construir respostas, portanto só se pode partir de perguntas” (2015, p. 100). Portanto, o princípio de um planejamento pedagógico seria o/a educador/a se questionar: “Qual a pergunta da aula de hoje?”, ou melhor, “Quais perguntas?”.

A velocidade dos tempos contemporâneos não exige mudanças apenas na figura do/a professor/a, mas também na figura do sujeito aprendiz. Nesse sentido, surge no meio educacional a expressão “aluno protagonista”. O conceito de “aluno protagonista” coloca o/a estudante no centro do seu processo de ensino-aprendizagem, sendo capaz de desenvolver novas habilidades e incentivado a participar ativamente de práticas que estimulem sua autonomia.

Dessa forma, o/a estudante é percebido como um sujeito com protagonismo e autonomia, pois são duas competências que caminham lado a lado. Em sua obra *Pedagogia da autonomia*, o educador e filósofo Paulo Freire aponta que a autonomia é um processo a ser desenvolvido:

Ninguém é autônomo primeiro para depois decidir. A autonomia vai se constituindo na experiência de várias, inúmeras decisões, que vão sendo tomadas. (...) A autonomia, enquanto amadurecimento do ser para si, é processo, é vir a ser. Não ocorre em data marcada. É neste sentido que uma pedagogia da autonomia tem de estar centrada em experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade, vale dizer, em experiências respeitadas da liberdade (Freire, 1996, p. 107).

Novamente, o educador se coloca em reflexão: de que maneira é possível auxiliar o educando no desenvolvimento de sua autonomia no processo de ensino-aprendizagem? Quais estratégias são as mais adequadas? Para as considerações que seguem, se tomará como exemplo ações possíveis de serem realizadas dentro de uma aula de língua inglesa.

Foi apenas a partir do surgimento da abordagem comunicativa do ensino de língua estrangeira que o conceito de autonomia começou a ganhar espaço. Durante muitos anos, tanto o/a professor/a, como os estudantes, tinham pouca ou nenhuma autonomia no processo de ensino-aprendizagem. Vera Lúcia Menezes de Oliveira e Paiva é uma linguista brasileira reconhecida principalmente por seus trabalhos sobre ensino de segunda língua. Em um de seus estudos sobre metodologias de ensino de língua estrangeira, aponta que,

Até mesmo o conceito de língua não abria espaço para aceitar os processos mentais autônomos, pois a língua era concebida como um sistema fechado cuja aprendizagem seria facilitada se os alunos fossem expostos a uma gama de estruturas ordenadas da mais fácil para a mais difícil (Paiva, 2006, p. 78).

Constrói-se, então, uma relação entre método, conceito de língua e autonomia, na qual os dois primeiros estão diretamente ligados ao desenvolvimento do terceiro. Para um ensino-aprendizagem significativo de língua inglesa, o idioma deve fazer sentido para o aprendiz, ao invés de ser apenas um conjunto de estruturas gramaticais ou listas de vocábulos a serem decorados. Assim, se a língua for constituinte de sentido para o aluno, o mesmo será motivado a utilizá-la fora do contexto escolar, fazendo com que essa se torne parte do seu dia a dia.

O processo de desenvolvimento da autonomia é de mão dupla: tanto os professores, como os estudantes, devem desempenhar papéis essenciais. Nesse contexto, os professores devem dispensar a utilização de métodos de ensino fechados (que não proporcionam o diálogo sobre o conhecimento prévio, sobre o que querem saber, etc.) para métodos de ensino mais flexíveis, para que os/as alunos/as sejam capazes de exercer escolhas sobre o ensino-aprendizagem. Dessa forma, percebe-se que os professores deixam de apenas transmitir conhecimento e que os/as alunos/as não são mais considerados/as folhas em branco, visto que suas experiências de mundo

são consideradas para o desenvolvimento e planejamento das aulas. Retoma-se, então, ao que diz Geraldi (2015, p. 100): “Tomar a aula como acontecimento é eger o fluxo do movimento como inspiração, rejeitando a permanência do mesmo e a fixidez mórbida no passado”.

Em *O ensino de língua estrangeira e a questão da autonomia*, a professora Vera Lúcia Menezes de Oliveira e Paiva (2009) foi desafiada a refletir sobre a questão da autonomia em sala de aula. Neste desafio, a professora apresenta práticas possíveis de serem realizadas por docentes a fim de estimular a autonomia na aula de língua inglesa. O objetivo é que a sala de aula seja transformada em um espaço capaz de estimular o uso da língua.

Oportunizar a leitura de diferentes gêneros textuais com temáticas de interesse dos alunos, organizar trabalhos em grupos que incentivem a colaboração, incentivar os estudantes a participarem de sessões de *chat*, deixar com que os alunos escolham quais músicas serão escutadas e encarregá-los de desenvolver atividades com as canções escolhidas são algumas das sugestões de Paiva (2009). Essas propostas visam sempre uma preocupação com o nível dos alunos e com o desenvolvimento das habilidades de leitura, escrita, escuta e fala. Reflete, ainda, sobre as consequências do desenvolvimento da autonomia:

Envolva seus alunos nas decisões, dê a eles opções de escolha de material e de atividades, transforme-os em seus colaboradores e você estará não apenas ensinando outra língua, mas educando-os para uma participação na sociedade mais democrática e mais colaborativa (Paiva, 2009, p. 35-36).

O conceito de autonomia para o contexto de ensino e aprendizagem tem sido reformulado ao longo dos anos. Nas últimas três décadas, pode-se observar que o desenvolvimento da autonomia não pode ser restringido apenas ao contexto formal de ensino, mas deve também trazer transformação para o social. Ao compreender a língua inglesa como língua franca, a BNCC (2018) ressalta que o ensino do idioma deve refletir em seu uso para o mundo.

### **2.3 Cursos de formação em língua inglesa no Brasil**

Com o objetivo de refletir sobre a formação dos profissionais de Licenciatura, cabe realizar um breve relato do histórico sobre a instituição dos referidos cursos no país.

O estabelecimento dos cursos de Licenciatura no Brasil foi fortemente influenciado pelos aspectos sociais, políticos e econômicos, principalmente devido à necessidade da regulação para a prática docente. Somente a partir dos anos de 1930, com a reforma Francisco Campos, organizou-se o Ensino Superior e adotou-se o regime universitário. Em decorrência da criação da primeira Faculdade de Ciências e Letras, aliada à necessidade de regulamentar os processos de formação de professores para a escola secundária, surgiram os primeiros cursos de Licenciatura no modelo 3+1. Essa fórmula propunha que o discente ingressasse em um curso de bacharel e, ao final do curso, acrescentava-se um ano referente à carga horária pedagógica para obtenção da certificação.

Isto é, o aluno não ingressava em um curso para fazer licenciatura. Sua finalidade era ser um bacharel, uma vez que ao final dos três anos de curso esse aluno obtinha o diploma de bacharelado. Aqueles que pretendiam postergar os estudos ou tinham vocação para o magistério, viam a possibilidade de licenciar-se, mediante as disciplinas da área pedagógica, por um período de um ano. Ou seja, a decisão de se tornar professor poderia ser tomada *aposteriori* (Santos e Mororó, 2019, p. 5).

A partir de 1960, surgem as primeiras mudanças nos cursos de Licenciatura em Letras em consequência do aumento da demanda da formação de professores de língua portuguesa. Dessa forma, instituíram-se os cursos de Licenciatura dupla, compostos pelo ensino da língua portuguesa, uma língua estrangeira clássica ou moderna e respectivas literaturas. A carga horária destinada ao ensino de língua portuguesa era e ainda é dominante nos currículos, não abrangendo um número satisfatório de horas de estudo referentes à língua estrangeira.

Recentemente, durante os anos de 2020 e 2021, em razão da pandemia COVID19, ocorreram mudanças em todas as esferas sociais devido às restrições de locomoção e contato social. No que tange ao campo educacional, adotou-se o ensino a distância (EAD) em todas as Instituições de Ensino, desde a Educação Básica até Cursos Superiores. Com relação ao ensino da língua inglesa, apesar de apresentar um grande desafio na época com relação à qualidade do ensino em escolas que eram

apenas presenciais, observou-se o crescimento pela oferta e procura dos cursos EAD em língua inglesa, ano após ano.

Para os cursos de Licenciatura que, em sua maioria, eram compostos de carga horária 100% presenciais, tornaram-se necessárias medidas para evitar a evasão. Assim sendo, o Ministério da Educação (MEC) aprovou novas diretrizes para os cursos em questão que atualizam os regulamentos publicados em 2015 e 2019. Os cursos de Licenciatura passam a ter duração mínima de quatro anos, com 3.200 horas de carga horária, das quais ao menos metade (1.600 horas) deve ser realizada de forma presencial.

Segundo informações encontradas no site do MEC, o currículo organiza-se da seguinte maneira:

A carga horária dos cursos de licenciatura passa a ser distribuída da seguinte forma:

- 880 horas para formação geral, que abrange conhecimentos sobre o fenômeno educativo e a educação escolar, comuns a todas as licenciaturas e que podem ser ofertadas de modo presencial ou remoto;
- 1.600 horas para os conhecimentos específicos, que correspondem aos conteúdos das áreas de atuação profissional, dos quais ao menos 880 horas devem ser realizadas de forma presencial, nos casos de cursos ofertados em modalidade a distância;
- 320 horas de atividades acadêmicas de extensão, que devem ser ofertadas, necessariamente, de forma presencial;
- 400 horas de estágio supervisionado, que também serão, obrigatoriamente, realizadas em modalidade presencial.

(Ministério da Educação, 2024)

Os resultados provenientes desta flexibilização curricular aprovada pelo MEC poderão apenas ser constatados daqui a algum tempo. No ano de 2021, o Observatório para o Ensino de Língua Inglesa, que foi uma iniciativa da British Council (entretanto, desativado no ano de 2023), realizou uma pesquisa intitulada *Professoras e professores de Inglês no Brasil: Retratos de uma profissão a partir do Censo Escolar e do Censo da Educação Superior*, com o objetivo de fornecer um mapa atualizado de seus perfis, de sua formação e de seu contexto de atuação.

Reunindo informações do censo escolar de 2020, a pesquisa apresenta que na Educação Básica há 985.283 turmas de Língua Inglesa, atuando no ensino do idioma no Brasil 172.030 docentes nas redes pública e privada. Especificamente, sobre a

formação docente, a pesquisa aponta que 83% dos professores possuem graduação ou títulos mais altos. No entanto, apenas 29,42% das turmas estão com docentes com titulação classificada como adequada (aqueles que cursaram Licenciatura única ou dupla, ou bacharelado seguido de Licenciatura), ou seja, a maior parte das turmas parece contar com docentes com titulação inadequada. Pode-se citar como exemplo de titulação inadequada de docentes com Licenciatura em Letras sem componente em língua inglesa ou, ainda, a Licenciatura em outras disciplinas da base curricular comum sem componente em Língua Inglesa e sem complementação pedagógica.

Em outra pesquisa realizada pela British Council, uma instituição pública do Reino Unido que tem como missão difundir o conhecimento da língua inglesa e sua cultura através de formações e outras atividades educativas, no ano de 2013, apontou-se como a principal dificuldade na formação de professores o desenvolvimento da habilidade de comunicação. Lê-se no documento:

De acordo com essa perspectiva, a formação acadêmica atual – bacharelado em Letras seguido de licenciatura – não prepara o professor de línguas para a realidade da sala de aula e para efetivamente ensinar o idioma. Além disso, há a percepção de que, em geral, esses professores não possuem condições para viajar para países de língua inglesa. Por isso, eles contam com uma prática insuficiente de comunicação no idioma. Assim, muitos especialistas defendem que faria sentido estimular a viagem dos professores para locais de língua inglesa, de modo a fomentar sua vivência na língua para que possam transmiti-la em sala de aula (British Council, 2014, p. 13).

Com base no senso comum do meio escolar docente da área de línguas estrangeiras, existe um pensamento de que o aprendizado de um novo idioma somente ocorre efetivamente quando se está imerso em um contexto de utilização única do mesmo. Nesse contexto, o/a professor/a de idiomas que não se submete a alguma experiência no exterior seria julgado como “menos capaz” de ensinar. Essa percepção ocorre, pois, durante muito tempo professores e aprendizes deveriam seguir o modelo de falantes nativos, almejando a perfeita fluência. Com a evolução dos estudos sobre a aquisição e ensino línguas estrangeiras e o desenvolvimento da globalização, esse argumento começa a ser questionado, uma vez que o foco principal se torna a habilidade de comunicação com falantes de todos os lugares do mundo, a partir de uma língua comum.

Não se pode negar, entretanto, que a experiência de intercâmbio educacional agrega positivamente na formação do profissional de língua estrangeira, não apenas sobre os conhecimentos linguísticos, mas também sobre sua formação como sujeito do mundo. Geraldi (2015) reflete sobre a diferença entre se formar e se tornar professor,

Nós nos formamos professores ao longo de alguns anos de estudos de certos conteúdos, que adquirimos, que encorpamos, e que nos remodelam, nos tornam a pessoa que não éramos. Seguramente, esse tipo de formação é consequência de um longo processo histórico de construção da identidade profissional do professor, que se mostra nos nossos cursos de formação. Certamente reconhecemos que desta forma nos formamos professores. O que pretendo discutir é que, talvez, isto apenas nos forme, mas não nos torna professores (Geraldi, 2015, p. 82).

Em constante concorrência com o bombardeamento de informações do contexto atual de globalização, a formação docente acadêmica não tem sido suficiente para garantir a formação de aprendizes de idioma. Aos que escolhem essa carreira, é um desafio constante a busca por práticas inovadoras, capazes de incentivar e auxiliar no ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira.

Ou seja, faz-se necessário explorar uma nova identidade para a profissão professor, sendo a “do sujeito capaz de considerar o seu vivido, de olhar para o aluno como um sujeito que também já tem seu vivido, para transformar o vivido em perguntas” (Geraldi, 2015, p. 95). Ao considerar as experiências e conhecimento de mundo tanto de aprendizes como de docentes, a língua passa a fazer sentido para ambos e, assim, seu ensino-aprendizagem passa a ser significativo. Portanto, se os métodos de ensino com foco na gramática, tradução e leitura falharam na efetividade da aprendizagem, a nova identidade docente alia-se a uma procura por diferentes estratégias.

Em relação ao fazer diferente, Adelaide P. de Oliveira (2009) explica que:

Fazer diferente não significa que o professor vai virar a sala de cabeça para baixo e pedir aos alunos que façam coisas de outro mundo. Fazer diferente é trabalhar, também, com as habilidades de ouvir e falar. É ter a consciência de que se o aluno precisa aprender a língua inglesa e o mundo globalizado requer certa fluência na língua, isso significa ser capaz de ler, escrever, ouvir e falar (Oliveira, 2009, p. 143).

Considerando a aprendizagem de língua estrangeira como um sistema complexo e que ocorre de maneiras distintas para cada aprendiz, a busca por novas estratégias

de ensino-aprendizagem pode ser inspirada pelas experiências de intercâmbio educacional. Ao se colocar em um contexto diferente do que lhe é corriqueiro, docentes podem encontrar práticas diferentes aplicáveis ao contexto em que exerce a docência.

#### **2.4 Cultura de intercâmbio no Brasil**

A história do intercâmbio remonta a práticas de mobilidade e troca cultural que existem há séculos, mas o conceito moderno de intercâmbio estudantil e profissional começou a se consolidar no século XX. O intercâmbio cultural não é uma novidade se levarmos em conta, por exemplo, que os filhos de famílias abastadas do Brasil costumavam deixar o país para estudar em renomadas cidades da Europa.

No entanto, após a Segunda Guerra Mundial, durante as décadas de 1950 e 1960, essa prática se intensifica. Diante dos horrores provocados pelo conflito, organizações internacionais como a Cruz Vermelha iniciaram um processo de fomentação de intercâmbios culturais, a fim de promover o entendimento e respeito entre nações e povos. Através do conhecimento das diferentes culturas, almejava-se o respeito ao invés de combates.

Nas décadas de 60 e 70, as universidades brasileiras começaram a estabelecer parcerias com instituições estrangeiras, especialmente, nos Estados Unidos e na Europa. Nas décadas de 80 e 90, devido a globalização, o interesse em aprender novas línguas e culturas cresceu, levando a um aumento no número de brasileiros que buscavam experiências no exterior. Os anos 2000 são caracterizados pela diversificação dos programas de intercâmbio voltados para diferentes faixas etárias, incluindo jovens, adultos e profissionais de diferentes áreas.

Atualmente, o intercâmbio é considerado como parte integral da educação e do desenvolvimento profissional em todo o mundo, promovendo não apenas o aprendizado acadêmico, mas também a troca cultural e a construção de redes globais. Os tipos de programas de intercâmbio variam, desde intercâmbios acadêmicos, voluntariados, *Au Pair*, *Work and Travel* até os mais populares intercâmbios de idioma.

Os programas de fomento e incentivo ao intercâmbio são diversos, variando de acordo com o objetivo dos intercambistas. É possível encontrar diversos projetos que auxiliam os estudantes nos processos, a exemplo do *Projeto SuperMentor*, que possui

a missão de orientar jovens brasileiros interessados em fazer graduação nos Estados Unidos através da disponibilização de artigos gratuitos com passos do processo de candidatura para as universidades norte-americanas. O American Field Service (AFS) Intercultura Brasil é uma organização mundial de educação intercultural que honra a história de sua fundação no período pós-guerras, com objetivo de desenvolver e engajar cidadãos globais, oferecendo oportunidades de educação intercultural de qualidade e recebendo estudantes de intercâmbio de mais de 60 países. Os programas de estudos no exterior variam de duração e abrangem tópicos oportunos e atemporais, como sustentabilidade e aprendizado de idiomas.

Os Institutos Federais de ensino também possuem alguns programas de oportunidades de estudo no exterior. A Assessoria Internacional do IFRS está vinculada institucionalmente à PROEX e tem como objetivo assessorar as relações com instituições estrangeiras por meio de acordos bilaterais e de parcerias com outras instituições de ensino e pesquisa. A Assessoria de Assuntos Internacionais visa a promover e apoiar iniciativas que incentivem a cultura da internacionalização, facilitando a chegada de alunos e servidores estrangeiros, além do envio de estudantes e servidores do IFRS para instituições no exterior com as quais possui acordos em vigor.

#### 2.4.1 A prática de intercâmbio entre professores de língua inglesa

Se a formação básica necessária para o exercício da docência de uma língua estrangeira apresenta falhas, quando se refere à formação continuada, o cenário parece ainda mais instável. Salvo raras exceções, a qualificação profissional continuada se dá principalmente por meio da capacitação para o uso de materiais didáticos, sem proporcionar programas que criem espaços reais para a reflexão sobre o ensino e a aprendizagem de línguas.

Em busca de uma continuidade da sua formação, muitos professores recorrem às experiências de intercâmbio de idiomas. Relembrando as palavras de Larrosa (2002, p. 21), a experiência “é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca”. Sendo assim, passar pela experiência de intercâmbio ultrapassa a barreira do aprendizado linguístico,

ocasionando uma reflexão não apenas sobre o uso da língua em diferentes contextos, mas também sobre a identidade de ser professor/a.

Em seu estudo *Motivações para mobilidade acadêmica internacional: a visão de alunos e professores universitários*, Adriana Leonidas de Oliveira e Maria Ester de Freitas (2015) analisam as motivações para a realização de intercâmbio de 30 indivíduos, dentre eles 12 alunos de graduação brasileiros, 10 alunos estrangeiros e 8 professores brasileiros. Ao investigarem os três grupos, puderam observar três categorias principais de motivação: pessoais, acadêmicas e profissionais.

Em relação aos alunos brasileiros, as motivações pessoais aparecem em primeiro lugar: “Estas dizem respeito especialmente a questões que envolvem o desejo e o interesse de conhecer novas culturas e lugares. Outro grupo de elementos que aparece também com destaque nessa categoria é o desejo de amadurecer.” (Oliveira e Freitas, 2015, p. 227). Em seguida, aparecem as motivações acadêmicas, nas quais se buscam o aperfeiçoamento de um idioma e o desejo de aperfeiçoar o currículo. Por último, são citadas as motivações profissionais, nas quais se almeja o desenvolvimento de uma carreira internacional e reconhecimento profissional.

Alterando o público-alvo de análise, também se altera a ordem das motivações para a mobilidade acadêmica. Para o grupo de professores, sobressaem-se as motivações relacionadas aos aspectos acadêmicos e profissionais, colocando em segundo plano as motivações pessoais: “apenas dois professores apontam o desejo de conhecer outra cultura como fator importante para a decisão de realizar a mobilidade acadêmica, mesmo porque todos já haviam tido a experiência de estar no exterior anteriormente” (Oliveira e Freitas, 2015, p. 227).

Em suma, a pesquisa aponta que a mobilidade internacional entra no processo de formação profissional a partir das motivações de cada público. Destacam, ainda, como fator importante, “que tais motivações têm forças diferentes de acordo com o estágio de desenvolvimento e de formação que se está vivendo” (Oliveira e Freitas, 2015, p. 241). Para qualquer indivíduo em busca de profissionalização, espera-se que “essa experiência seja plenamente utilizada a favor de seu crescimento pessoal, intercultural, acadêmico e profissional e para que ele próprio possa ser um agente

multiplicador dessa experiência no contexto em que está inserido” (Oliveira e Freitas, 2015, p. 242).

Como possibilidade de formação continuada, destaca-se o Programa de Desenvolvimento Profissional para Professores de Língua Inglesa (PDPI), que foi criado no ano de 2010 e, no ano de 2023, chegou a sua nona edição. O PDPI é desenvolvido em parceria entre a CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), a embaixada dos Estados Unidos e a Comissão Fulbright, oferecendo um curso imersivo com duração de seis semanas em universidades nos Estados Unidos a professores que lecionam língua inglesa na educação básica.

Dentre os objetivos dos cursos ofertados pelo programa, encontra-se a promoção

- Do fortalecimento do domínio das quatro habilidades linguísticas - compreender, falar, ler e escrever em inglês;
- Da imersão no cotidiano de um país de língua inglesa, ampliando sua capacidade de contextualização histórica e cultural no ensino do idioma;
- Do compartilhamento de metodologias de ensino, aprendizagem e avaliação que estimulem o aperfeiçoamento do processo ensino/aprendizagem; (BRASIL, Ministério da Educação, 2024).

Apesar de ser um programa de curta duração, quando se trata do desenvolvimento do aprendizado de uma língua estrangeira, todo e qualquer contato com a mesma é válido. Larrosa estabelece uma conexão entre o sujeito da experiência e a exposição ao afirmar que,

O sujeito da experiência tem algo desse ser fascinante que se expõe atravessando um espaço indeterminado e perigoso, pondo-se nele à prova e buscando nele sua oportunidade, sua ocasião. A palavra experiência tem o ex de exterior, de estrangeiro, de exílio, de estranho e também o ex de existência (Larrosa, 2002, p. 25).

O aprendizado de uma língua estrangeira se dá durante o decorrer de toda uma vida, em níveis maiores ou menores de significado. Evidentemente, que tanto para aprendizes quanto para docentes (que também se fazem aprendizes), quanto maior o tempo de exposição ao idioma, maior e mais significativo se torna o aprendizado. O intercâmbio é uma das diversas opções de experiências que oferece esta possibilidade.

#### 2.4.2 A importância da diversidade cultural presente nos intercâmbios

O intercâmbio cultural e educacional pós-Segunda Guerra Mundial, foi um fenômeno significativo que ajudou a moldar as relações internacionais e a promover a compreensão intercultural. Atualmente, as práticas de intercâmbio visam a formação de cidadãos globalmente competentes, capazes de interagir em ambientes multiculturais, participando de diferentes processos de comunicação.

Devido a popularização dessas práticas, surge a necessidade de compreender como a comunicação entre falantes de línguas diferentes que se utilizam de manifestações culturais também distintas ocorre. Sobre os resultados da comunicação intercultural, entende-se que,

Duas grandes vantagens derivam da perspectiva da comunicação intercultural. Em primeiro lugar, ela nos permite flexibilizar e desconstruir muitas ideias estabelecidas sobre outras culturas, países e/ou grupos e sobre nós mesmos, além de aumentar a capacidade de questionar e de gerar reflexão em outras pessoas. Em segundo lugar, ela nos permite transformar e modificar nossas práticas e maneiras de agir no dia a dia (Organização Internacional para as Migrações, 2022, p. 11).

A relação entre língua e cultura é profunda e complexa. A língua não é apenas um meio de comunicação, mas também um veículo para expressar valores, tradições e modos de vida de uma comunidade. A língua é, portanto, constituinte do sujeito. Leffa e Irala (2014, p. 31) afirmam que “quando mudamos de uma língua para outra, mudamos não só nossas palavras, mas também nossos gestos, o nosso tom de voz e a nossa maneira de ser”, ou seja, a partir do aprendizado de uma outra língua, temos a oportunidade de ser e também compreender o outro.

Ao realizar o intercâmbio, quase que imediatamente o sujeito é posto frente a diferenças culturais. Larrosa diz que “o sujeito da experiência se define não por sua atividade, mas por sua passividade, por sua receptividade, por sua disponibilidade, por sua abertura. (2002, p. 24). Aliada ao aprendizado de habilidades comunicativas em um novo idioma, a comunicação intercultural só é possível e eficaz se houver abertura para aprender sobre o comportamento do outro, respeitando as diferenças culturais.

O acontecimento é comum, mas a experiência é para cada qual sua, singular e de alguma maneira impossível de ser repetida. O saber da experiência é um saber que não pode separar-se do indivíduo concreto em quem encarna. Não está, como o conhecimento científico, fora de nós, mas somente tem sentido no modo como configura uma personalidade, um caráter, uma sensibilidade ou, em

definitivo, uma forma humana singular de estar no mundo, que é por sua vez uma ética (um modo de conduzir-se) e uma estética (um estilo) (Larrosa, 2002, p. 27).

As práticas de intercâmbio educacional contêm inúmeros aspectos em comum, independente das motivações, da língua ou do país escolhido. Entretanto, as marcas deixadas pela experiência são únicas para cada intercambista, que se apropria daquilo que lhe faz sentido, reformulando sua identidade.

### 3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Enquanto educadores, estamos sempre em um processo de busca, de questionamento e de investigação, sendo direcionados ao ato de pesquisar. A pesquisa é uma forma de compreender o mundo criticamente, e, ao fazer isso, o pesquisador se educa e educa os outros, promovendo transformações. Essa dinâmica entre ensino e pesquisa é apontada por Freire (1996), em sua obra *Pedagogia da Autonomia*:

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. [...] Esses que-fazer-se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade (Freire, 1996, p. 30).

Cabe, então, expor que a presente pesquisa foi baseada em percepções sociais e científicas que refletem sobre o ensino de Língua Inglesa no Brasil e a formação de professores de idiomas, questionando se a experiência de estudar o idioma em questão no exterior proporcionaria contribuições para a prática pedagógica dos docentes. Ao refletir sobre os achados da pesquisa e sobre as proposições teóricas acerca do ensino-aprendizagem de línguas, busquei contato com docentes que tiveram alguma experiência no exterior para encaminhar o convite de participação para a pesquisa.

A partir do objetivo de compreender como as experiências de intercâmbio refletem na prática pedagógica dos docentes de Língua Inglesa, os participantes da pesquisa deveriam, obrigatoriamente, estar lecionando o idioma atualmente e terem realizado um intercâmbio de idiomas. A busca pelos participantes iniciou-se pela rede social *Instagram*, na qual tanto eu quanto minha professora orientadora do Trabalho de Conclusão de Curso, publicamos um *storie* solicitando aos nossos “seguidores” as indicações de professores que seguissem as condições acima citadas.

A partir dessa publicação, conseguimos o contato de onze docentes. A eles, foi enviado um primeiro formulário online (APÊNDICE A), por meio das redes sociais *Instagram* e *Whatsapp*, a fim de coletar dados de identificação dos participantes e verificar se os mesmos poderiam contribuir para o objetivo da pesquisa. Dos onze

contatados, sete responderam ao primeiro formulário e, felizmente, todos correspondiam aos critérios solicitados pela pesquisa.

Posteriormente, desenvolveu-se, um segundo formulário online (APÊNDICE B), composto por questões sobre a docência e a experiência de intercâmbio e suas possíveis contribuições, juntamente com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE C). Este formulário foi enviado para os sete participantes previamente, via *Whatsapp*. Totalizam, então, sete docentes participantes da pesquisa. O grupo é composto majoritariamente por professoras do sexo feminino, entre 21 e 35 anos, com Licenciatura em Letras concluída ou em andamento.

Este estudo é uma pesquisa qualitativa que buscou investigar e compreender a realidade por meio da observação e da análise do contexto, das interações e das significações atribuídas pelas pessoas que o vivenciam, com o apoio das respostas dispostas em ambos formulários e no referencial teórico norteador deste trabalho, tornou-se possível construir reflexões entre a teoria e a prática.

Enquanto procedimento de pesquisa, a análise de conteúdo desempenha um importante papel nas investigações no campo das pesquisas sociais. Para Bardin (1977) a Análise de Conteúdos é, portanto,

[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 1977, p. 42).

É evidente que a experiência de intercâmbio é uma vivência singular que afeta os sujeitos de diferentes maneiras. Para os participantes da pesquisa, essa é uma experiência que contribui não apenas para a formação pessoal, mas também para a formação profissional. Com base na análise das respostas registradas nos dois formulários online enviados aos participantes, busca-se delinear um perfil do grupo de professores, refletir sobre suas motivações para o intercâmbio e verificar se a experiência contribuiu (ou não) para a sua prática docente.

## 4. ANÁLISE DOS RESULTADOS

A fim de reunir informações acerca dos integrantes do grupo da pesquisa e também de compreender de que maneiras a experiência de intercâmbio afeta o sujeito enquanto docente e enquanto cidadão do mundo, foram disponibilizados dois formulários online para o levantamento de dados referente aos objetivos da pesquisa. No primeiro questionário, buscou-se os dados de identificação dos participantes. No segundo formulário, questionou-se acerca da experiência de intercâmbio e prática docente.

Para uma melhor organização e compreensão dos dados obtidos através dos formulários online, serão denominados Formulário Online 1 (FO1) e Formulário Online 2 (FO2), assim identificados no decorrer do texto, juntamente com a identificação do número da pergunta a ser comentada. Quanto aos participantes, esses serão denominados Professor Intercambista acompanhados de seu número (de 1 a 7), de acordo com a ordem de resposta. Suas respostas estarão escritas em itálico com identificação entre parênteses (Professor Intercambista 1, por exemplo). É importante ressaltar que as respostas foram transcritas assim como foram redigidas nos formulários, a fim de manter a originalidade das respostas de cada participante.

### 4.1 Perfil dos Professores intercambistas participantes

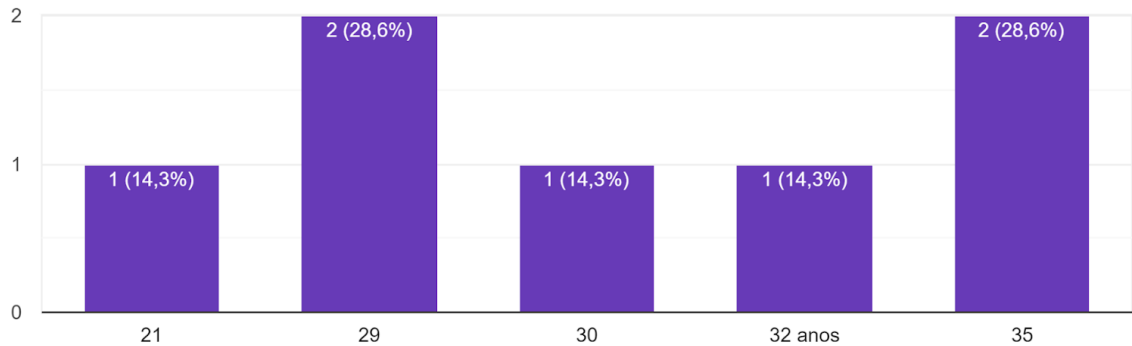
Nesta seção, os sujeitos participantes da pesquisa serão apresentados através dos dados obtidos pelas respostas que relataram no questionário, produzido na plataforma *Google Forms* e enviado de modo *online*. A partir disso, buscou-se compreender suas trajetórias e escolhas de formação docente, assim como aspectos relevantes sobre seus intercâmbios.

Inicialmente, as questões 2 e 3 do FO1 eram relacionadas a idade e sexo dos participantes, das quais obteve-se os gráficos a seguir:

Gráfico 1: Perfil dos Professores Intercambistas participantes – Idade:

2- Idade:

7 respostas



Fonte: Elaborada pela pesquisadora/2024.

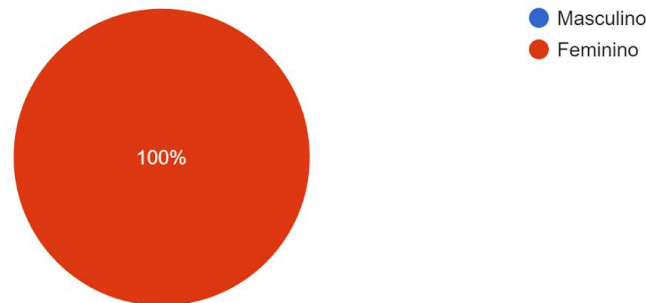
Como pode-se observar, de acordo com os dados apresentados no Gráfico 1, o grupo de participantes tem idades que variam entre 21 e 35 anos. Respectivamente, um participante com 21 anos, dois participantes com 29 anos, um com 30 e outro com 32, e novamente dois participantes com 35 anos completos. Em 2016, a Belta (*Brazilian Educational & Language Travel Association*), em parceria com o grupo de pesquisa Mobilidade Acadêmica, realizou uma pesquisa sobre o mercado de intercâmbios no Brasil e traçou um perfil dos intercambistas. Sobre a faixa etária, percebe-se que o público entre 22 e 25 anos é o que mais procura por serviços de intercâmbio, enquanto entre os intercambistas, 23,8% têm entre 30 e 39 anos e 21,5% têm entre 25 e 29 anos.

Comparando ambas as pesquisas, fica evidente que o grupo de professoras participantes desta pesquisa corresponde com os dados apontados pela pesquisa Belta, compreendendo um grupo de intercambistas que varia entre 21 e 35 anos.

Quanto ao sexo dos participantes, obteve-se o gráfico abaixo:

Gráfico 2: Perfil dos Professores Intercambistas participantes – Sexo:

3- Sexo:  
7 respostas



Fonte: Elaborada pela pesquisadora/2024.

É importante ressaltar que, dos onze professores contatados inicialmente, apenas um era do sexo masculino. Na segunda parte da pesquisa, apenas docentes do sexo feminino contribuíram com o relato de suas experiências, o que torna o corpo desta pesquisa composto 100% por mulheres, como observado no Gráfico 2. Em função disso, os sujeitos de pesquisa serão referidos como “Professora Intercambista”, a partir deste momento.

Para uma melhor visualização dos dados de caracterização dos participantes, organizou-se uma tabela de acordo com as perguntas de ambos os questionários. Do FO1, foram transcritas para a tabela as respostas referentes às questões 4: “Formação”, 5: “País escolhido para o intercâmbio” e 7: “Escola em que estudou durante o intercâmbio”. Do FO2, foram utilizadas respostas referentes às perguntas 1: “Há quanto tempo você atua lecionando Língua Inglesa?” e 2: “Em que ano você realizou o intercâmbio? Qual foi o tempo de duração da experiência?”.

Tabela 1: Caracterização dos participantes da pesquisa:

PROFESSORA INTERCAMBISTA	FORMAÇÃO	TEMPO DE DOCÊNCIA EM LÍNGUA INGLESA	PAÍS ESCOLHIDO	ANO E DURAÇÃO DO INTERCÂMBIO	INSTITUIÇÃO DE ENSINO
1	Graduanda em Letras	1 ano	Estados Unidos	2023, 1 ano de experiência	Sinclair
2	Licenciatura Letras Inglês	11 anos	Inglaterra	2024, 2 semanas	Sttaford House Londres
3	Biomédica (Letras não concluído)	Desde 2014 (10 anos)	Estados Unidos	2013, 1 mês	The Language Company Orlando
4	Licenciatura em Letras - Português e Inglês	2 anos	Canadá	Realizei o intercâmbio em 2018, 3 semanas de viagem, mas duas semanas estudando na escola de idiomas.	Selc Vancouver
5	Mestrado em Letras, Cultura e Regionalidade	Há 15 anos. Desde 2009.	Inglaterra	Em 2012, com duração de três meses.	LSI Language School Cambridge
6	Letras - Língua portuguesa e língua inglesa	Há 9 anos	Irlanda	2018 - 6 meses	Horner School of English
7	Letras Inglês em andamento	9 anos	Canadá, Inglaterra	2012 (3 anos) Canadá; Inglaterra 2019 (1 mês)	Canadá-inlingua; Pera College. Inglaterra-International School London

Fonte: Elaborada pela pesquisadora/2024.

Sobre a formação das participantes da pesquisa, observa-se que todas tiveram alguma experiência com o curso de Licenciatura em Letras, seja este de Língua Portuguesa e Inglesa, ou, apenas de Língua Inglesa. Quatro participantes concluíram a graduação, sendo que uma possui título de Mestre em Letras, Cultura e Regionalidade.

Duas participantes estão com o curso de graduação em andamento e apenas uma tem formação como Biomédica, mas aponta não ter concluído o curso de Letras. O tempo no qual as participantes exercem suas atividades docentes é bastante distinto, variando entre um e quinze anos de experiência. Este aspecto é importante para a pesquisa, pois evidencia que a prática de intercâmbio vem crescendo nas últimas duas décadas e tem se tornado uma experiência mais acessível.

Entre os países escolhidos para a experiência de intercâmbio, destaca-se a Inglaterra (escolhido pelas Professoras Intercambistas 2, 5 e 7), seguido do Canadá (escolhido pelas Professoras Intercambistas 4 e 7) e dos Estados Unidos (no qual as Professoras Intercambistas 1 e 3 escolheram para sua experiência) e, por fim, a Irlanda (selecionado pela Professora Intercambista 6). Segundo as pesquisas realizadas nos últimos anos pela BELTA, o Canadá é líder na lista de países buscados para intercâmbio por brasileiros desde 2017, e, de acordo com última pesquisa, realizada em 2023, os Estados Unidos perdeu sua posição de segundo colocado para o Reino Unido.

As experiências vividas pelas Professoras Intercambistas ocorreram entre os anos de 2012, 2013, 2018, 2019, 2023 e 2024, com durações distintas que variam entre duas semanas até três anos. As escolas nas quais as participantes tiveram a oportunidade de expandir seus conhecimentos foram, respectivamente: Sinclair (Estados Unidos), Sttaford House Londres (Inglaterra), The Language Company Orlando (Estados Unidos), Selc Vancouver (Canadá), Language School Cambridge (Inglaterra), Horner School of English (Irlanda), Inlingua e Pera College (Canadá) e International School London (Inglaterra).

Os dados reunidos nesta primeira etapa apresentaram diversidades entre as participantes, tanto no que diz respeito ao seu perfil pessoal (seja pela idade ou pelo tempo de docência) como também em relação às suas experiências de intercâmbio (quanto ao país de escolha, duração do intercâmbio e escolas). Essa diversidade é um dos fatores constituintes desta pesquisa, possibilitando uma análise enriquecida frente às experiências compartilhadas pelas participantes. Em seguida, se detalhará a respeito das motivações para as realizações dos intercâmbios.

## 4.2 Motivações e expectativas para o intercâmbio

Apesar de cada experiência de intercâmbio reverberar diferentes impactos em cada uma das participantes, identifica-se similaridade no que diz respeito às motivações. A pergunta 3 do FO2 buscou compreender quais foram as razões despertadas para a realização de um intercâmbio de idiomas e, para uma melhor análise, as respostas foram agrupadas de acordo com as similaridades encontradas.

FO2: 3 “Quais foram os motivos que o(a) levaram a realizar uma experiência de intercâmbio?”

RESPOSTA: *Vontade de viver a cultura e o idioma, eu sempre soube que o único jeito de me tornar fluente era com um intercâmbio. (Professora intercambista 1)*

RESPOSTA: *Realização pessoal, oportunidade de aprimorar o idioma, experiência cultural, certificado internacional. (Professora intercambista 3)*

RESPOSTA: *Desenvolvimento e prática da língua inglesa, experiência no exterior, gosto por viagens e culturas. (Professora intercambista 7)*

Em suas respostas, as Professoras intercambistas 1, 3 e 7 citam as motivações fundamentais e mais comuns para se realizar um intercâmbio de idiomas: o aperfeiçoamento da língua inglesa, a busca pelo alcance da fluência e a oportunidade de vivenciar outras culturas. Aprender uma língua estrangeira significa também aprender sobre a cultura dos povos que a incorporam.

Em contrapartida, diferentemente da Professora intercambista 1, acredito que vivenciar uma experiência de intercâmbio de idiomas contribui imensamente para o aprimoramento da língua alvo, mas não se restringe a única maneira de atingir a fluência.

A Professora intercambista 3 acrescenta em sua resposta que uma das motivações para o intercâmbio era conquistar um certificado internacional. Atualmente, percebe-se quase como um senso comum de que o bom professor de língua estrangeira é aquele que detém de um certificado que comprove seu nível de

conhecimento. Para além das provas de proficiência do idioma, a exemplo do *Test of English as a Foreign Language* (TOEFL) e do *International English Language Testing System* (IELTS), os docentes de Língua Inglesa podem submeter-se a provas de certificação como a *Certificate in Teaching English to Speakers of Other Languages* (CELTA). Muitos professores acabam não realizando estas avaliações pelo alto custo que podem ter e/ou pela dificuldade de acesso, pois são aplicadas apenas em centros autorizados da instituição que oferece o certificado.

Veja outras respostas:

*RESPOSTA: Eu tinha o desejo de viver imersa na língua e cultura do local, bem como de viver experiências novas e desenvolver a minha independência, já que foi a minha primeira viagem sozinha. Queria trabalhar e estudar lá, mas, no fim, não consegui emprego, então fiquei apenas estudando inglês. (Professora intercambista 5)*

*RESPOSTA: O principal motivo para realizar uma experiência de intercâmbio foi viver a cultura de outro país. Eu estava ansiosa para experimentar, em primeira mão, as tradições, costumes e o cotidiano de uma cultura diferente. Viver em um ambiente cultural novo me ofereceu a oportunidade de obter uma compreensão mais profunda e uma apreciação das diversas perspectivas e modos de vida. Além disso, eu queria melhorar minhas habilidades no idioma praticando com falantes nativos em situações reais. Essa experiência também me permitiu construir uma rede global de amigos e contatos profissionais, o que é inestimável no mundo interconectado de hoje. Além disso, busquei crescimento pessoal ao sair da minha zona de conforto, enfrentar novos desafios e desenvolver maior independência e adaptabilidade. (Professora intercambista 6)*

Tanto a Professora intercambista 5 como a Professora intercambista 6 descrevem em suas respostas a vontade de experimentar aspectos culturais diferentes dos conhecidos. Defendo que tanto a aprendizagem de um novo idioma quanto uma experiência de intercâmbio são baseadas na interação. Segundo Paiva (2013, p.187), a palavra interação “é formada pelo prefixo inter-, que implica união, reciprocidade, e o

substantivo ação que indica que a interação é uma atividade mútua, exigindo o envolvimento de pelo menos duas pessoas e provocando efeito recíproco.”

Não apenas a prática de intercâmbio, mas toda viagem para algum lugar que nos é desconhecido permite a possibilidade de vivenciar o novo, de descobrir ou aprimorar habilidades, de criar conexões e de se superar. Ambas as docentes trazem em seus relatos o quanto amadureceram e desenvolveram maior independência em suas experiências, pois saíram da sua zona de conforto.

Observe:

*RESPOSTA: Sempre quis. Sempre foi um sonho. E financeiramente só consegui realizar esse ano. Fui buscar um aperfeiçoamento em business English que é uma área que está crescendo muito na minha cidade e região. Muitas empresas estão pagando inglês para seus funcionários e achei que aprender sobre uma área diferente do inglês poderia trazer um diferencial para meu negócio. (Professora intercambista 2)*

O que chamou a minha atenção na resposta da Professora intercambista 2 foi a menção do sonho. Realizar um intercâmbio de idiomas sempre foi um sonho que também tive e acredito que seja o de muitas pessoas, para além daqueles que necessitam utilizar a Língua Inglesa no trabalho. Ainda, a professora comenta sobre a questão financeira, que é um dos maiores desafios para os quem sonha em realizar esta experiência. São muitos fatores que influenciam nos valores dos intercâmbios, desde a escolha do país, cidade e escola até o tempo de duração e tipo de acomodação. É interessante ressaltar que a Professora intercambista 2 buscou, em seu intercâmbio, o aperfeiçoamento de uma área específica da Língua Inglesa que vêm se destacando nos últimos anos, o *Business English*, a partir da observação das necessidades do mercado de trabalho da sua região.

A Professora intercambista 4 respondeu que:

*RESPOSTA: Essa informação não irá agregar na pesquisa, penso eu. Mas... Fui visitar uma amiga, que mora no Canadá, ela recém havia se mudado e não tinha direito a férias, nem datas fixas de folgas (ela trabalhava no final de semana), desta forma optei*

*por aproveitar o tempo lá, e além de visitá-la, agregar no meu conhecimento. Portanto a opção foi por otimizar a viagem mesmo... Não por algum outro interesse despertado anteriormente. (Professora intercambista 4)*

Diferentemente das demais professoras participantes, a intercambista 4 não tinha como objetivo inicial de sua viagem a realização de um intercâmbio no qual estudaria para aprimorar seu conhecimento na Língua Inglesa. Depois de refletir sobre os motivos que levaram as docentes a realizar o intercâmbio de idiomas, achei prudente investigar quais seriam as possíveis razões para terem escolhido determinado país.

FO2: 4 “Quais foram os motivos que o(a) levaram a escolher esse país?”

*RESPOSTA: sempre gostei muito desse país (Professora intercambista 1)*

*RESPOSTA: Popularidade do país (Professora intercambista 3)*

As Professoras intercambistas 1 e 3 tiveram como destino os Estados Unidos e não forneceram muitos detalhes acerca das motivações de suas escolhas. É bastante comum, ao se pensar em Língua Inglesa, que um dos primeiros países desejados seja os Estados Unidos. Acredito que isso ocorra devido a grande influência cinematográfica e comercial do país sobre o Brasil e o mundo. Observe:

*RESPOSTA: Londres é o berço da língua inglesa. Sou apaixonada pelo sotaque e sempre sonhava em conhecer a cidade. (Professora intercambista 2)*

*RESPOSTA: A cultura britânica e a possibilidade que eu tinha de trabalhar e estudar ao mesmo tempo, já que tenho cidadania italiana e, na época, a Inglaterra fazia parte da União Europeia. Caso eu fosse para os EUA, o que também desejava, poderia optar apenas por trabalhar ou apenas por estudar, por causa do tipo do visto. (Professora intercambista 5)*

*RESPOSTA: Facilidade para conseguir o visto e o custo benefício. (Professora intercambista 7)*

A Inglaterra foi o destino escolhido pelas Professoras intercambistas 1, 5 e 7. As docentes 1 e 5 compartilham de certo gosto pela cultura e sotaque britânicos, que geralmente estão em conflito com a cultura e sotaque americanos. Por muito tempo, foi possível observar uma dominância do inglês americano nas produções culturais, porém atualmente o inglês britânico vem conquistando o interesse de mais pessoas.

Outro aspecto relevante frente a escolha do país é a questão de poder trabalhar e estudar ao mesmo tempo. Não são todos os países que permitem que intercambistas trabalhem e estudem concomitantemente. Como explicitado pela Professora intercambista 5, o Reino Unido permite que intercambistas exerçam as duas atividades, enquanto nos Estados Unidos não seria viável.

Outra resposta:

*RESPOSTA: Escolhi a Irlanda como destino do meu intercâmbio principalmente pela facilidade e pelo custo-benefício que o país oferece. A Irlanda tem uma política acolhedora para estudantes internacionais, o que torna o processo de adaptação mais tranquilo. Outro motivo importante foi a localização estratégica da Irlanda, que me permite viajar facilmente para outros países próximos na Europa. Isso me dá a oportunidade de explorar diversas culturas e paisagens em um curto espaço de tempo, enriquecendo ainda mais minha experiência internacional. (Professora intercambista 6)*

Apesar das Professoras intercambistas 6 e 7 terem tido destinos diferentes, ambas mencionam que o custo-benefício foi algo que influenciou na escolha do país. Quanto à Irlanda, a professora comenta que o país é mais acolhedor em relação aos intercambistas. Esta fala da docente se confirma quando analisamos os dados fornecidos pelo Migrant Integration Policy Index (MIPEX) de 2020, na qual a Irlanda esteve entre os 10 primeiros colocados. Segundo os resultados, a Irlanda faz parte de um conjunto de países que “adotam uma abordagem abrangente para a integração, que garanta totalmente direitos, oportunidades e segurança iguais para imigrantes e

cidadãos” (MIPEX, 2020). Este é um dos motivos que fazem com que a Irlanda seja um destino bastante visado pelos brasileiros, tanto para intercâmbios de curta como de longa duração.

Como explicitado pela Professora intercambista 4 anteriormente, a principal motivação para seu intercâmbio foi realizar a visita a uma amiga que havia se mudado para o Canadá, diferenciando-se das demais participantes que tinham como principal objetivo o estudo do idioma, veja:

*RESPOSTA: Visitar uma amiga. (Professora intercambista 4)*

Por ser uma experiência que demanda bastante tempo de planejamento e, na maioria das vezes, um grande investimento financeiro, é comum que as expectativas criadas em torno desta futura vivência sejam altas.

A pergunta 5 do FO2 possui o intuito de compreender quais foram as expectativas das participantes em relação aos seus intercâmbios.

FO2: 5 “Quais eram suas expectativas em relação ao intercâmbio?”

*RESPOSTA: Altíssimas e foram excedidas (Professora intercambista 3)*

Apesar de não relatar com muitos detalhes, a Professora intercambista 3 confirma que suas expectativas eram altas e felizmente foram atingidas e, possivelmente, até superadas. O relato a seguir, da Professora intercambista 5, abrange outro ponto de vista.

*RESPOSTA: Eram altíssimas, de uma convivência bem completa em casa de família, o que acabou não acontecendo conforme o esperado. Quando cheguei lá, soube que era, na verdade, uma casa só de meninas e que a host mom não dormiria lá, só ficaria durante o dia, então também não fazia as refeições conosco, momento onde poderíamos interagir e aprendendo bastante. Fora isso, as expectativas de estudo, lazer, amigos e etc foram superadas. Não ter conseguido um emprego lá também foi uma expectativa frustrada, mas que logo deu lugar à oportunidade de estudar bastante*

*para fazer a prova CAE da Universidade de Cambridge, na qual obtive aprovação mesmo tendo apenas dois meses para estudar, o que me surpreendeu, dada a sua dificuldade. O resultado foi muito melhor do que teria sido ter conseguido trabalhar lá. (Professora intercambista 5)*

Ao falar de sua experiência, a docente evidencia o sentimento de frustração. É comum que nem todas as expectativas criadas acerca de tamanha experiência sejam atingidas, pois muitas coisas fogem do nosso controle. Entretanto, são situações como essa que nos forçam a ver o lado positivo das experiências negativas, a exemplo da participante que relata que mesmo não tendo conseguido um emprego, esta “frustração” teve um efeito positivo, resultando na aprovação em sua prova de certificação.

Outras respostas:

*RESPOSTA: A maior delas, era me tornar fluente. (Professora intercambista 1)*

*RESPOSTA: Alcançar a fluência, conhecer culturas, pessoas e lugares. (Professora intercambista 7)*

As participantes 1 e 7 relatam que uma de suas maiores expectativas era de alcançar a fluência na Língua Inglesa. Entretanto, ressalto novamente que o intercâmbio é um fator que pode auxiliar imensamente neste processo, mas não é a única maneira de se alcançar este objetivo. O aprendizado de um idioma é um processo complexo e, apesar de geralmente ser ensinado no coletivo, muitos aspectos individuais devem ser considerados.

Atualmente, encontram-se no mercado diversas opções para aprender uma segunda língua: cursinhos em escolas de idiomas, aulas particulares com professores, cursos online com professores ou opções em que se pode aprender de forma autônoma. A diversidade de métodos disponíveis também é um aspecto a ser considerado na aprendizagem de um novo idioma. O que quero dizer é que não existe

um método milagroso, mas sim, metodologias que são compatíveis e ajustáveis com as necessidades de cada aprendiz.

Observe:

*RESPOSTA: Minhas expectativas em relação ao intercâmbio eram conhecer novas culturas, fazer amizades internacionais e explorar novos lugares. Além disso, eu queria melhorar meu inglês através da prática diária com falantes nativos. Essas experiências seriam valiosas tanto para meu crescimento pessoal quanto profissional. (Professora intercambista 6)*

*RESPOSTA: Usar o inglês no dia a dia, fazer novas amizades, ter contato com diferentes culturas e sotaques, voltar a ser aluna depois de tanto tempo só lecionando, ter contato com outras metodologias de ensino. (Professora intercambista 2)*

*RESPOSTA: Como já estava no meu segundo curso de inglês (um concluído até o fim, o segundo iniciado em nível intermediário para manter contato com a língua) e estava cursando a licenciatura, acreditei que era uma boa oportunidade para entender como acontecia o ensino no exterior. (Professora intercambista 4)*

As Professoras intercambistas 2, 4 e 6 reúnem em seus relatos pontos em comum: para além de expectativas relacionadas ao aperfeiçoamento do idioma e de vivenciar novas culturas, almejavam ter experiências que oportunizassem crescimento profissional.

Enquanto docentes, estamos em constante processo de ensino-aprendizagem. No entanto, conforme mencionado pela Professora intercambista 2, colocar-se novamente no papel de estudante pode ser uma tarefa desafiadora. Em comum, as professoras mencionadas anteriormente tinham como expectativa a possibilidade de exercerem reflexão acerca do ensino de língua estrangeira. Retomo uma fala de Geraldi (2015, p. 97-98), na qual o autor afirma que é preciso “pensar o ensino não como aprendizagem do conhecido, mas como produção de conhecimentos que resultam, de modo geral, de novas articulações entre conhecimentos disponíveis”.

Mesmo tendo experiência com a docência, as professoras participantes em questão se mostraram abertas as novas experiências de ensino e também a descobrirem como o ensino do inglês ocorre em outros lugares do mundo. A partir dos conhecimentos, técnicas e métodos conhecidos puderam refletir também sobre a sua prática enquanto docentes.

### 4.3 Contribuições gerais da experiência

Ao considerar que a experiência que tenho abordado contribui não somente para o aprimoramento das habilidades linguísticas, mas também para diversas outras áreas da vida pessoal e profissional, as perguntas 6 e 7 do FO2 buscaram dados sobre como ocorreram o desenvolvimento e o crescimento pessoal e cultural das participantes durante seu período no exterior.

FO2: 6 “Quais foram os resultados percebidos com o intercâmbio em relação a contribuições PESSOAIS? Comente/exemplifique.”

RESPOSTA: *Pude aperfeiçoar meu vocabulário específico de business que era bem limitado e também aprender com colegas dessa área que tinham muito a me ensinar. (Professora intercambista 2)*

RESPOSTA: *Segurança em relação ao meu nível de inglês - principalmente, pois até então acreditava que, mesmo havendo estudado até nível avançado, não conseguiria me comunicar em outro lugar. E para além disso me trouxe a segurança de viajar sozinha e conseguir me virar em qualquer lugar do mundo. (Professora intercambista 4)*

RESPOSTA: *Alcance da fluência, melhora na pronúncia, inclusive meu sotaque brasileiro não era perceptível. (Professora intercambista 7)*

Ao analisar as respostas das Professoras intercambistas 2, 4 e 7, percebe-se que elas tinham como um objetivo pessoal o aprimoramento do idioma e que este fora alcançado. Ao considerarmos que, em uma experiência no exterior, estamos expostos a

língua estrangeira durante todo o tempo (uma realidade bastante diferente de aprender uma segunda língua no seu país de origem), dificilmente se consegue voltar de uma viagem de intercâmbio com o mesmo conhecimento linguístico com que se chega ao país.

A docente intercambista 4 escreve em seu relato sobre uma insegurança em relação a sua capacidade de se comunicar em outro país, mesmo tendo um nível avançado de conhecimento do idioma. Esse sentimento de insegurança é natural dentre os aprendizes de Língua Inglesa, inclusive dos estudantes de nível mais avançado, nos quais sentem que é preciso “colocar o inglês à prova”. Acredito que no meio docente esse receio possa ser também frequente, pois geralmente o/a professor/a é aquele/a que detém um maior conhecimento linguístico comparado aos alunos que leciona, e, quando colocado em uma situação distinta, essa insegurança pode se evidenciar.

Paulo Freire (1996, p. 135) se sensibiliza sobre a questão ao dizer que “me sinto seguro porque não há razão para me envergonhar por desconhecer algo. Testemunhar a abertura aos outros, a disponibilidade curiosa à vida, a seus desafios, são saberes necessários à prática educativa”. Ressalta, em seu dizer, que o desconhecido também faz parte da prática docente e que não há motivo para se envergonhar. Muitas vezes, os professores são vistos como “aqueles que tudo sabem”, esquecendo-se que esses também são humanos e, assim, seres em constante construção.

Outras respostas:

RESPOSTA: *sem dúvidas eu amadureci muito, fiquei mais responsável. (Professora intercambista 1)*

RESPOSTA: *Melhora na independência, tomada de decisões. (Professora intercambista 3)*

RESPOSTA: *Percebi que fiquei mais independente e corajosa para lidar com situações depois que voltei ao Brasil, em muito por ter conseguido superar várias situações difíceis sozinha, e isso serviu de motivação para acreditar mais em mim mesma. Isso*

*nunca foi fácil para mim, por ter tido uma baixa autoestima na adolescência e início da vida adulta. (Professora intercambista 5)*

*RESPOSTA: O intercâmbio teve um grande impacto pessoal ao me mostrar que sou capaz de viver e me virar sozinha. Aprendi a gerenciar meu orçamento, resolver problemas por conta própria e me adaptar a novos ambientes. Essa experiência reforçou minha confiança em enfrentar desafios de forma independente. (Professora intercambista 6)*

Ao ler os relatos das professoras acima, penso que a principal contribuição da experiência de intercâmbio tenha sido o desenvolvimento da independência e da autonomia. Colocar-se em um lugar totalmente novo, longe da sua rede de apoio, no qual se torna necessário descobrir como o sistema daquele lugar funciona é uma prática que gera inquietações, pois tira os sujeitos da sua zona de conforto.

De acordo com a doutora em Filosofia, Vera Rudge Werneck, o conceito de cultura é “o resultado de toda e qualquer interferência humana na natureza, no outro ou em si mesmo” sendo interpretada como “um novo modo de ser, como um costume” (Werneck, 2008, p. 426). Se retomarmos as origens da popularização das práticas de intercâmbio, percebemos que estas foram incentivadas com intuito de propagar o conhecimento das diferentes culturas para que fosse possível estabelecer o respeito pelas diferenças.

A fim de compreender de que maneiras os aspectos culturais diversificados proporcionados pela experiência de intercâmbio afetaram as participantes da pesquisa, desenvolveu-se a pergunta número 7 do FO2:

FO2: 7 “Quais foram os resultados percebidos com o intercâmbio em relação a contribuições CULTURAIS? Comente/exemplifique”

*RESPOSTA: O intercâmbio trouxe contribuições culturais significativas. Pude vivenciar tradições e costumes locais que ampliaram minha compreensão e respeito por diferentes culturas. Por exemplo, participei de festivais locais e interagi com pessoas de*

*diversas origens, o que me permitiu ver o mundo de uma perspectiva mais rica e diversificada. Essa convivência diária com a cultura local também melhorou minha habilidade de comunicação intercultural, tornando-me mais aberta e adaptável a novas experiências. (Professora intercambista 6)*

Se um dos objetivos das práticas de intercâmbio é o respeito às diferentes culturas, na experiência da Professora intercambista 6, o objetivo foi cumprido. Além disso, a docente aponta que sua habilidade de se comunicar com pessoas de diferentes culturas também obteve significativa melhora.

A terminologia “comunicação intercultural” tem se popularizado desde a segunda metade dos anos 1990. A Organização Internacional para as Migrações (OIM) publicou em 2022 o *Guia de Comunicação Intercultural*, que faz parte do projeto Iniciativa de Reassentamento Sustentável e Vias Complementares (CRISP). Nesse documento, define-se comunicação intercultural como aquela que ocorre entre pessoas que, possuindo referências culturais distintas, se reconhecem como pertencentes a culturas ou grupos diferentes. No contexto de um intercâmbio de idiomas, esse tipo de comunicação ocorre a todo o momento.

Demais respostas:

*RESPOSTA: Coisas pequenas do dia a dia são os melhores exemplos, como a alimentação, muitas coisas que eu não comia hoje eu como. (Professora intercambista 1)*

*RESPOSTA: Oportunidade de conhecer culturas diferentes, como estive na Flórida tbm haviam pessoas de países da américa central e américa do sul, a própria família que me hospedou era dominicana. Pude conhecer os costumes de outro país e principalmente a forma como lidam com o coletivo. (Professora intercambista 3)*

*RESPOSTA: A maior parte dos meus colegas eram Japoneses, então questões culturais que mais me chamaram atenção foram em relação a estes. O cuidado em não usar letra cursiva, pois eles não entendiam (e é a que eu uso diariamente). A forma*

*como levam a sério aulas e avaliações, pois eu estava em viagem, fazia as atividades e avaliações, mas não me dedicava total, pois queria aproveitar o local também. Quanto ao Canadá em si, é um país muito diverso... Nenhum dos meus professores era canadense, e maior parte das pessoas que via nas ruas eram de origem indiana ou oriental. A única pessoa canadense que conheci foi a dona do Airbnb em que fiquei, e ela era muito resguardada... Conversava pouco conosco e "aparecia" pouco, mesmo estando por casa. (Professora intercambista 4)*

*RESPOSTA: Conhecer novas culturas foi essencial para o meu crescimento pessoal e entendimento em relação às escolhas feitas por pessoas de outros países como por exemplo o casamento arranjado. (Professora intercambista 7)*

Apesar de os relatos das Professoras 1, 3, 4 e 7 apresentarem vivências distintas, elas estão diretamente relacionadas aos aspectos culturais construídos no decorrer do dia-a-dia. Atento-me a analisar o comentário da docente 4, pois nele ela expressa o cuidado que não apenas os sujeitos intercambistas devem ter, mas também os professores dos cursos de idiomas. Sobre as interações culturais e a educação, Werneck aponta que,

É certo que cada povo, cada grupo humano, interfere na natureza a seu modo, resolve os problemas, ultrapassa os obstáculos e desafios que ela lhe propõe de maneira própria e diferente. É certo, também, que a educação tem como fim a humanização do homem, o seu contínuo aprimoramento (Werneck, 2008, p. 414).

Em uma vivência sobre a qual estamos refletindo, é indispensável pensar sobre a relação entre as múltiplas culturas e a educação. A experiência por si só é capaz de colocar os sujeitos em contato uns com os outros, mas isso não garante que este contato afete a percepção dos indivíduos. Em uma experiência de intercâmbio, estes dois aspectos ganham evidência, assim se tornando uma ótima oportunidade para olhar para o outro com mais respeito e empatia.

Observe:

RESPOSTA: *Foi impressionante a forma com que voltei ao Brasil mais mente aberta. Tendo sempre morado em interior de cidade pequena, onde as pessoas cuidam da vida dos outros e julgam atitudes e aparência, foi muito diferente e positivo estar em um local onde ninguém parecia se importar com as minhas atitudes e aparência, e essa liberdade era muito boa. Voltei tendo aprendido a lição de não julgar os outros e tendo perdido o interesse em ficar cuidando da vida alheia. (Professora intercambista 5)*

A Professora intercambista 5 aponta ter tido uma experiência com resultados diferentes comparado as outras participantes. A partir do seu intercâmbio, foi possível para a docente vivenciar uma realidade bastante distinta da sua, e que a fez perceber como essa experiência permite explorar a liberdade. Apesar de estar longe da família e amigos, a intercambista relata que ninguém parecia se importar com sua aparência e atitudes, o que possivelmente fez com que ela pudesse mostrar um lado da sua identidade que não costuma mostrar no ambiente em que reside.

Outra resposta:

RESPOSTA: *Amei ter colegas da Suíça, Tóquio, Laos, Taiwan, Ucrânia, Coreia do Sul entre outros. Foi fantástico comparar como cada coisa funciona em cada país. Ir nos pubs e conversar com pessoas de tantos lugares foi fantástico. Mas foi difícil fazer amizades em 2 semanas apenas de intercâmbio. Como fiquei em acomodação privativa também não me conectei profundamente com ninguém. Foi tudo amizade mais superficial. Acredito que se eu tivesse ficado mais tempo, isso seria diferente. (Professora intercambista 2)*

É possível perceber pelo relato da Professora intercambista 2 que, em sua experiência, ela teve a oportunidade de conhecer pessoas de lugares distintos do mundo. Entretanto, ela comenta que, no período de duas semanas em que esteve no exterior, não acredita ter conseguido se conectar e criar laços de amizade efetivos.

Em *Pedagogia da Autonomia*, Freire discorre sobre sermos seres inacabados e aponta que, ao nos reconhecermos como tal, compreendemos que é possível ir além do que somos. Ao nos percebermos como seres inconclusos, também percebemos

nossa relação com o mundo e com a história: “O sujeito que se abre ao mundo e aos outros inaugura com seu gesto a relação dialógica em que se confirma como inquietação e curiosidade, como inconclusão em permanente movimento na História.” (Freire, 1996, p. 51).

Após ler os relatos das participantes, concluo que ao realizar uma experiência de intercâmbio, é fundamental estar disponível para conhecer o mundo ao seu redor. É preciso ter como característica em seu perfil de professora intercambista a curiosidade e a inquietação, é se deixar ser provocada pela oportunidade de sair da zona de conforto, buscando inspiração e ampliando os horizontes, tanto culturais, como pessoais e profissionais, através dos desafios do dia a dia de alguém que se coloca diante de um ambiente totalmente novo. É se compreender como parte do mundo e ter a consciência de que as ações tomadas influenciam não apenas na própria história, mas também na história do outro, e, por este motivo, torna-se ainda mais necessária a prática da empatia e do respeito.

O questionamento número 11 do Formulário Online 2 averiguou, de maneira mais específica, se as participantes adquiriram novos conhecimentos, hábitos e atitudes na sua experiência e se tais aprendizagens foram profícuas.

FO 2: 11 “Quais conhecimentos, habilidades e atitudes, você consegue perceber que adquiriu no seu intercâmbio? Quais utiliza no seu dia a dia? De que forma?”

RESPOSTA: *Dois semanas não me mudaram tanto assim. Eu sempre fui estudiosa, aplicada, pontual e participativa. Só segui sendo assim no intercâmbio e depois dele.* (Professora intercambista 2)

Gostaria de iniciar comentando sobre o relato da Professora 2, no qual aponta que a curta experiência que teve no exterior não causara grandes mudanças em seu dia a dia. Os adjetivos por ela utilizados (estudiosa, aplicada, pontual e participativa) definem o perfil do que se considera um bom aluno ou um bom docente. Acredito que estas qualidades tenham contribuído para que esta participante tenha tido uma boa experiência enquanto aluna em seu intercâmbio.

Veja outra resposta:

RESPOSTA: *Sobre conhecimentos, os de inglês eu ainda tenho meu caderno que usava lá e até hoje continuo fazendo listas de palavras novas que aprendo com a tradução para rever e memorizar. Foram inúmeros conhecimentos de mundo que aprendi, principalmente com amigos de diversos países e as experiências que eles compartilhavam. Habilidades de me localizar na cidade, aprender a pegar metrô, até comprei um instrumento musical para o meu marido, mesmo insegura por não saber detalhes (vocabulário técnico) das partes e botões do contrabaixo nem em português. Atitudes de independência e coragem, principalmente, como comentei anteriormente, que utilizo até hoje, quando me sinto com medo diante uma experiência nova e me lembro de tudo que passei e superei sozinha lá. (Professora intercambista 5)*

Muitos aspectos provenientes do relato da docente intercambista 5 são importantes e merecem ser ressaltados. Primeiramente, a professora aponta que ainda hoje mantém o hábito de escrever as palavras novas que aprende em um caderno, uma prática que iniciou em sua experiência enquanto aluna em intercâmbio. Entende-se então que, para além do desenvolvimento das práticas voltadas ao idioma, a participante também pode descobrir mais sobre si mesma enquanto aluna, e reconhecer quais práticas e metodologias são mais adequadas para o seu aprendizado.

Para além dos aspectos culturais discutidos na questão anterior, a intercambista relata que seu conhecimento de mundo foi ampliado durante a experiência, não apenas pelo contato com as pessoas, mas também porque precisou aprender a lidar com situações corriqueiras em um ambiente desconhecido. Precisou aprender a pegar ônibus e metrô, como também realizar compras de itens pouco conhecidos inclusive na sua língua materna. Estes fatos evidenciam que a experiência de intercâmbio faz com que o intercambista enfrente obstáculos diários, superando medos e adquirindo novos níveis de autonomia.

Observe o próximo relato:

RESPOSTA: *Conhecimentos: Durante o intercâmbio, adquiri um entendimento mais profundo da língua inglesa e das culturas locais. Isso não apenas enriquece minhas aulas, mas também me permite apreciar a diversidade cultural em minha vida pessoal, tornando minhas interações sociais mais significativas. Habilidades: Desenvolvi habilidades de adaptabilidade e resolução de problemas, que uso tanto no ambiente profissional quanto pessoal. No trabalho, isso me ajuda a lidar com situações imprevistas e a ajustar meus planos conforme necessário. Na vida pessoal, essas habilidades me permitem enfrentar desafios diários com mais confiança e flexibilidade. Atitudes: O intercâmbio me ajudou a cultivar uma atitude mais aberta e empática. No contexto profissional, isso se traduz em criar um ambiente de aprendizado inclusivo e respeitoso. Na vida pessoal, essa atitude me ajuda a construir relacionamentos mais fortes e compreensivos, valorizando diferentes perspectivas e experiências. (Professora intercambista 6)*

O principal ponto a salientar a partir da explanação da Professora intercambista 6 é o impacto que relações interculturais tiveram em suas práticas diárias, tanto na vida pessoal quanto profissional. Estas trocas possibilitaram que a docente percebesse a diversidade à sua volta, tomando atitudes mais empáticas e respeitosas tanto com seus alunos quanto com as pessoas ao seu redor.

Sabemos que cada indivíduo possui um conhecimento de mundo distinto uns dos outros. Enquanto educadores, precisamos lidar com estas diferenças diariamente. Freire aponta que “respeitar a leitura de mundo do educando significa tomá-la como ponto de partida para a compreensão do papel da curiosidade, de modo geral, e da humana, de modo especial, como um dos impulsos fundantes da produção do conhecimento” (1996, p. 123). Em consonância com o relato da participante 6 e a citação de Freire, penso que ao respeitar a leitura de mundo dos educandos damos os primeiros passos na direção de uma educação que seja respeitosa e inclusiva.

Ao comparar os relatos das Professoras 5 e 6, fica evidente que a experiência de intercâmbio faz com que o sujeito enfrente obstáculos diários, de maneira a desenvolver habilidades que o acompanharão para além da experiência, contribuindo

para a formação de sua identidade enquanto docente e também enquanto cidadão do mundo.

Outras respostas:

RESPOSTA: *Eu consigo notar, que hoje eu falo inglês com naturalidade, muitas das vezes nem percebo a troca dos idiomas (Professora intercambista 1)*

RESPOSTA: *Capacidade de resolução de problemas (Professora intercambista 3)*

RESPOSTA: *Conhecimento cultural, econômico dos países desenvolvidos, sistema de transporte público, a forma real de comunicação coloquial. (Professora intercambista 7)*

Os curtos relatos das Professoras intercambistas 1, 3 e 7 retomam aspectos previamente explicitados pelas participantes 5 e 6, como o aumento da independência pela superação de desafios, o aprimoramento de aspectos linguísticos como também o conhecimento de diferentes culturas.

Veja:

RESPOSTA: *Acredito que o principal seja o respeito para com o outro, pois o intercâmbio trouxe gente de tudo quanto é lugar para a mesma sala de aula. Diversas culturas, sotaques, todos com um propósito. E mesmo que em um curto espaço de tempo e com pessoas mais "fechadas" que nós, brasileiros, fiz amigos que levo no meu coração até hoje. Fui muito bem recebida e tratada por aquela turma. Então não importa onde você for ou quem você é, importa como você trata as pessoas... É isso que faz a real diferença na vida das pessoas! (Professora intercambista 4)*

Carl Jung (1875-1961) foi um psiquiatra e psicoterapeuta suíço, fundador da psicologia analítica, reconhecido pelo famoso dizer: "Conheça todas as teorias, domine todas as técnicas, mas ao tocar uma alma humana, seja apenas outra alma humana". Ao realizar a leitura do relato da participante 4, logo recordei dessa frase que é tão significativa, principalmente, para nós enquanto docentes. A professora afirma que,

apesar das diferenças culturais com as quais se deparou durante a experiência, o que se destacou foi a forma como ela foi acolhida.

Após todas as exposições acerca das experiências vivenciadas pelas Professoras intercambistas e suas contribuições nos âmbitos culturais e pessoais, conclui-se que esta é uma experiência que deixa marcas nos sujeitos que se permitem vivenciar o contato com multiculturas e que se dispõem a enfrentar os desafios que surgem. As trocas realizadas com indivíduos de diferentes lugares do mundo contribuem não apenas para o aprendizado linguístico, mas também auxilia no processo de se descobrir e se formar enquanto cidadão do mundo.

#### **4.4 Contribuições da experiência para a prática docente**

Como citado anteriormente, a experiência de intercâmbio acarreta em contribuições tanto culturais quanto pessoais. Acredito que, mesmo sendo uma vivência que tenha foco principal no aprendizado de uma língua adicional, é possível para os docentes buscarem referências e inspirações nas suas vivências enquanto alunos. Com o intuito de estabelecer esta relação, as perguntas de 8 a 10 do Formulário Online 2 provocaram as participantes a refletirem sobre sua prática docente e a experiência em questão.

O questionamento de número 8 busca compreender quais foram as contribuições no meio profissional das participantes, de uma maneira mais ampla. De antemão, em sua maioria, as professoras relatam que seu aprendizado em relação à Língua Inglesa evoluiu significativamente, proporcionando a elas melhores condições para aplicarem suas aulas ao voltarem ao Brasil.

FO 2: 8 “Quais foram os resultados percebidos com o intercâmbio em relação a contribuições PROFSSIONAIS? Comente/exemplifique.”

RESPOSTA: *Meu inglês melhorou muito, e hoje eu tenho mais paciência. (Professora intercambista 1)*

RESPOSTA: *Minha fluência e vocabulário melhoraram muito com o curso e os estudos em casa que fiz lá. Meu inglês realmente deu um salto. Também observei a forma com que meu teacher ministrava as aulas de avançado e peguei algumas estratégias para usar nas minhas aulas, por exemplo, como ele focava em repetir a pronúncia de uma palavra que o aluno tinha pronunciado erroneamente. Quando voltei ao Brasil, continuei dando aulas em cursos de idiomas por algum tempo, então algumas coisas que aprendi eu consegui colocar logo em prática, outras não, pois o método era bem engessado. (Professora intercambista 5)*

Em comum, as Professoras Intercambistas 1 e 3 apontam o desenvolvimento de suas habilidades linguísticas. Enquanto a participante 1 comenta ter mais paciência após a experiência de intercâmbio, a participante 5 menciona aspectos referentes às metodologias utilizadas por seus professores.

O ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira é um processo complexo, que vem acompanhado da produção de “erros” e, conseqüentemente, de suas correções, mesmo para os aprendizes que possuem um nível avançado de conhecimento. Existem diversas maneiras de corrigir os desvios cometidos pelos estudantes, e é um dos desafios enfrentados pelos professores de idiomas encontrar a maneira mais adequada, para que o aluno possa aprender com seu “erro”, sem traumatizá-lo ou o colocar em uma situação constrangedora.

Pelo relato da docente, é possível perceber que seu professor utilizava como método de correção a correção explícita. Segundo as pesquisadoras Marcia Regina Pawlas Carazzai e Francieli Santin, esta metodologia “se refere ao fornecimento explícito da forma correta, ou seja, após o aluno produzir uma sentença incorreta o professor imediatamente reproduz a mesma frase já corrigida” (2007, p. 110). Acredito que este método de correção possa funcionar bem em aulas dirigidas a um nível mais alto de proficiência, que foi o caso da participante, pois os alunos percebem e aceitam seus erros com maior facilidade.

Ainda em sua explanação, a professora salienta que quando regressou ao Brasil não conseguiu colocar em prática todos seus aprendizados pois lecionava em uma escola que possuía um “método engessado” de ensino. Leffa e Irala apontam que,

O método pressupõe minimamente a criação de dois inventários, sendo o primeiro de elementos linguísticos, envolvendo o que deve ser apresentado ao aluno, e o segundo de elementos didáticos, propondo de que modo os elementos linguísticos devem ser apresentados (Leffa e Irala, 2014, p. 22).

Não é possível desassociar o ensino-aprendizagem de línguas a um método. No entanto, para o ensino-aprendizagem ser efetivo, precisa-se ter consciência do contexto no qual se está inserido. Com o avanço da tecnologia e dos estudos na área de aquisição da linguagem, os docentes precisam apropriar-se de diferentes metodologias para tentar escapar do ensino “engessado” como apontado pela participante, que tem afastado alunos do aprendizado de uma nova língua.

Outra resposta:

*RESPOSTA: Ensino em intercâmbio não é muito diferente do ensino que temos em escolas de idiomas brasileiras. A maior diferença é a divisão do dia em tipos de atividades, e dentre delas... Algumas podemos escolher o que se encaixa mais na nossa necessidade. A parte mais incrível é que não temos opção de falar português, ou seja, nos desafiamos mais... Mas infelizmente aplicar isso logo no primeiro nível de ensino, no Brasil, espanta/assusta muito estudante... Por isso vejo que precisamos saber dosar. Acredito que me trouxe mais segurança como profissional. (Professora intercambista 4)*

Para contribuir nas reflexões acerca dos métodos de ensino utilizados em espaços de aprendizagem de idiomas, a Professora intercambista 4 aponta que os métodos utilizados nas aulas da qual participou no seu intercâmbio de idioma não estão tão distantes dos utilizados no Brasil. Entretanto, mesmo com a similaridade das metodologias aplicadas, a experiência trouxe mais segurança para a participante. Ainda, comenta que a melhor parte do seu intercâmbio, também foi um grande desafio, o de não ter a opção de falar em Português. Na sua percepção, expor aprendizes brasileiros iniciantes a tantos *inputs* pode ter o efeito contrário ao esperado, afastando mais o aprendiz da língua alvo do que o aproximando da mesma.

Observe:

RESPOSTA: *Como professora de inglês no Brasil, o intercâmbio trouxe várias contribuições profissionais. Ele aprimorou minhas habilidades linguísticas, permitindo que eu ofereça aulas mais autênticas e eficazes. A experiência de imersão cultural me deu novas perspectivas e métodos de ensino que posso aplicar em sala de aula. Além disso, a vivência em um ambiente de língua inglesa me ajudou a entender melhor as dificuldades enfrentadas pelos alunos, permitindo-me adaptar minhas abordagens para atender melhor às suas necessidades. (Professora intercambista 6)*

Pelo relato da Professora Intercambista 6, é possível perceber que o aprendizado vai além dos conteúdos programáticos relacionados ao idioma. Em um de seus estudos, Paiva acredita ter conseguido comprovar que,

[...] a aprendizagem é, também, uma experiência identitária porque transforma quem nós somos e o que podemos fazer. Não é apenas uma questão de hábitos automáticos ou de acúmulo de informações metalinguísticas, mas um processo de transformação, de mudança (Paiva, 2009, p. 12).

Quando a participante comenta que estar imersa em um ambiente de língua inglesa a fez compreender melhor como os alunos se sentem e quais suas necessidades, fica explícito que a aprendizagem não se resume apenas a compreensão de estruturas gramaticais, mas sim que também transforma os aprendizes e, juntamente, aqueles que ensinam.

Outras respostas:

RESPOSTA: *Muitos alunos meus também se inspiraram a pensar sobre estudar intercâmbio, ganhei notoriedade no insta por dividir minha experiência por lá e conseqüentemente ganhei novos alunos. (Professora intercambista 2)*

RESPOSTA: *Enriquecimento do currículo, poder contar sobre a experiência e inspirar os alunos. (Professora intercambista 3)*

RESPOSTA: *Após o intercâmbio tive muitas oportunidades para trabalhar como professora/ instrutora da Língua inglesa, mesmo sem experiência. (Professora intercambista 7)*

A experiência de intercâmbio vivenciada pelas Professoras intercambistas 2 e 3 afetou não apenas a elas próprias, mas também aguçou a curiosidade de seus estudantes. Para a intercambista 7, o estudo em outro país abriu portas para o mundo do trabalho dentro da docência, mesmo que ela não tivesse experiências prévias com o ensino do idioma.

Finalizando a análise dos relatos das Professoras intercambistas a respeito das contribuições no aspecto profissional, é possível perceber que, mesmo que de maneiras distintas, todas as participantes tiveram influências em suas carreiras, seja pelo aprimoramento do idioma, pela descoberta e experimentação de diferentes metodologias ou pela oportunidade de iniciar no campo da docência.

O próximo questionamento feito para as participantes tinha como objetivo reunir informações mais específicas acerca da utilização dos aprendizados no exterior em suas práticas docentes.

FO 2: 9 “Você utiliza seus aprendizados no exterior na sua prática docente (planejamento das aulas, relação com estudantes, uso de novas metodologias, etc)? Comente/exemplifique. (Lembre-se quanto mais informações, mais enriquecedor será a pesquisa)”

RESPOSTA: *Não. O intercâmbio não foi focado na docência mas no aprimoramento do idioma. (Professora intercambista 3)*

RESPOSTA: *Sim, fiz mais de um intercâmbio, um deles foi específico para professores, onde tivemos muitas trocas de informações e aprendizagem de várias técnicas para trabalhar com os alunos em diversas atividades. (Professora intercambista 7)*

As percepções acerca das contribuições da experiência de intercâmbio e para a prática docente é bem distinta para as Professoras intercambistas 3 e 7. A primeira participante afirma não utilizar nenhum dos aprendizados obtidos no exterior em relação a metodologias e planejamento de suas aulas. Entretanto, em seus relatos posteriores, a docente afirma que a experiência teve efeitos em diversas áreas de sua vida. Penso que, possivelmente, para a participante em questão, a percepção dos efeitos trazidos pelas vivências não estejam tão presentes em sua prática docente.

Em contrapartida, a Professora intercambista 7 compartilhou que um de seus intercâmbios foi especialmente dedicado ao aprimoramento das práticas docentes, no qual pode realizar trocas com professores de outros lugares do mundo. Infelizmente, a participante não detalhou extensivamente essa experiência, que difere de um intercâmbio voltado apenas para o aprimoramento do idioma.

Observe as respostas afirmativas:

RESPOSTA: *Sim, muitas brincadeiras e músicas que aprendi lá, hoje utilizo em sala de aula. (Professora intercambista 1)*

RESPOSTA: *Sim. Antes do intercâmbio nunca tinha usado o chat GPT, por exemplo. Por ter uma certa resistência a ele. No intercâmbio fomos expostos e agora uso para determinadas situações. (Professora intercambista 2)*

É um desafio ao professor de Língua Inglesa no Brasil manter seus alunos engajados e interessados no aprendizado do idioma. Uma das alternativas muito utilizadas pelos docentes é a incorporação de músicas e dinâmicas com caráter mais lúdico em seus planejamentos. A Professora intercambista 1 relata que utiliza atualmente em suas aulas dinâmicas e músicas que aprendera em sua experiência de intercâmbio enquanto aluna; porém, a intercambista 2 comenta que ampliou seus horizontes no quesito de ferramentas a serem utilizadas durante suas aulas. A presença da inteligência artificial tem feito parte cada vez mais no dia a dia, principalmente dos mais jovens. Penso que, ao invés de “condenarmos” essas

ferramentas, é interessante encontrar oportunidades de utilizá-las para uma aprendizagem mais significativa.

Veja:

RESPOSTA: *Busco fazer momentos de conversation em aula. Nas aulas em grupo, as vezes é um pouco mais complicado devido às aulas serem online e alguns alunos retraídos. Já nas aulas particulares uso muito desse recurso. E sempre que possível insiro algum jogo também, para trazer dinamicidade à aula. Eram as questões que eu mais gostava nas aulas do intercâmbio. (Professora intercambista 4)*

Durante o percurso de aprendizado de língua inglesa, busca-se promover o desenvolvimento das quatro habilidades linguísticas essenciais: *writing, listening, speaking* e *reading* (escrita, audição, fala e leitura, respectivamente). De acordo com os sujeitos respondentes da pesquisa *Demandas de aprendizagem de Inglês no Brasil*, referenciada anteriormente nesta pesquisa, há uma alta percepção em relação a capacidade para a comunicação oral ser insuficiente, o que resulta na prioridade da prática da fala e compreensão entre as competências a serem desenvolvidas.

Em seu relato, a Professora intercambista 4 expõe que as práticas de *conversation* (conversação) eram uma das suas partes preferidas das aulas no exterior e que agora busca implementar esta estratégia em suas aulas.

Outro relato positivo:

RESPOSTA: *Sim, a relação com os alunos, pois meu teacher fazia a aula transcorrer de forma leve, com bastante conversação, que é algo que hoje em dia consigo colocar em prática com meus alunos particulares. Consigo adaptar a forma que trabalho e os conteúdos conforme sinto que o aluno está engajado ou cansado, etc, naquele dia. Por eu não ter um currículo tão rígido para cumprir, sinto que estou no meu melhor momento como teacher, deixando fluir mais e tendo ótimos resultados. Os alunos percebem essa sensibilidade. Por exemplo: por mais que eu tenha programado gramática, vocabulário, leitura e conversação para aquela aula, se a gramática não está rendendo, não há porque forçar aquilo naquele momento. Posso retomar na próxima*

*aula e fazer primeiro a conversação e depois a leitura. Se ele está bocejando, não irei dar páginas e páginas para ele ler naquele dia. Estou me sentindo mais confortável para fazer esses ajustes (e para decidir trocar de estratégia enquanto a aula está acontecendo e não está indo tão bem). Antigamente, eu tinha receio, e acabava seguindo o planejamento de aula naquela ordem, sem mudar nada, por mais que, eventualmente, precisasse. Acho que já acabei comentando sobre as metodologias também aqui. (Professora intercambista 5)*

A Professora intercambista 5 conta que, inspirando-se em suas experiências como aluna em sala de aula de intercâmbio, conseguiu tornar suas aulas mais flexíveis, de acordo com a necessidade de seus alunos. Ela mostra um lado sensível da docência, na qual o professor considera como fundamental para o ensino-aprendizado além das necessidades linguísticas do estudante.

Em *Pedagogia da Autonomia*, Freire discorre sobre como a afetividade é parte essencial da docência e como muitas vezes expressá-la pode ser difícil para os docentes:

Significa, de fato, que a afetividade não me assusta, que não tenho medo de expressá-la. Significa esta abertura ao querer bem a maneira que tenho de autenticamente selar o meu compromisso com os educandos, numa prática específica do ser humano. Na verdade preciso descartar como falsa a separação radical entre seriedade docente e efetividade (Freire, 1996, p. 141).

O relato da professora expressa o quanto querer bem os educandos e considerar que as questões extralinguísticas também fazem parte do processo de aprendizagem, alterando as metodologias quando necessário, podem contribuir para um processo de aprendizagem mais efetivo. Ao reconhecer essa necessidade de modificação, colocando em segundo plano a sistematização da aula, a docente vai de encontro com o que afirma Geraldí: “Importa muito mais aprender a aprender do que aprender o já sabido e definido! O conhecimento sistematizado deve fazer parte do percurso e não ser o fim do processo” (2015, p. 101).

Observe:

RESPOSTA: *Sim, utilizo meus aprendizados no exterior na minha prática docente. No planejamento das aulas, incluo experiências culturais que vivenciei, tornando o ensino*

*mais relevante. Por exemplo, uso situações cotidianas reais para ilustrar o uso do idioma. Na relação com os estudantes, adoto uma abordagem mais compreensiva, inspirada nas interações multiculturais que tive, o que ajuda a criar um ambiente de aprendizado inclusivo. Quanto às metodologias, aplico técnicas que observei no exterior, como aprendizado baseado em projetos e atividades interativas, que incentivam a comunicação e desenvolvem habilidades críticas nos alunos. (Professora intercambista 6)*

Talvez uma das maiores dificuldades enfrentadas pelos professores de línguas seja encontrar maneiras de aproximar os estudantes do idioma em que estão aprendendo, para que a aprendizagem do mesmo faça sentido. Segundo Zabala,

Aprendizagem compreensiva/significativa é aquela que conhecemos o porquê do que aprendemos e sabemos utilizar esse conhecimento cada vez que a oportunidade ou a necessidade apresentar-se. Remete à possibilidade de estabelecer vínculos substanciais e não-arbitrários entre as novas aprendizagens e as que o estudante já possui (Zabala, 2002, p. 96-97).

Pelas palavras da Professora intercambista 6, percebe-se que ela é uma profissional que se preocupa em tornar as aulas de Língua Inglesa significativas para seus alunos. Através de suas vivências, a docente consegue contextualizar o uso do idioma a partir de situações que ocorrem no dia a dia, pelas quais passou no intercâmbio, encurtando a distância entre o idioma e seu uso real.

Em adição, pelas experiências multiculturais que vivenciou, busca tornar o meio em que atua um ambiente mais compreensivo e empático. Ainda, aponta que se empenha em proporcionar o ensino com projetos que foquem no desenvolvimento da comunicação e pensamento crítico de seus estudantes. De acordo com Leffa e Irala (2014), a pedagogia de projetos necessita de três elementos principais: o planejamento, a elaboração de um produto final e a contextualização do projeto de acordo com a realidade do aluno, considerando seus interesses e demandas.

Assim como as demais práticas exercidas pelas demais docentes participantes, a pedagogia de projetos visa, para além do desenvolvimento das habilidades comunicativas, ao trabalho em equipe e ao pensamento crítico dos educandos. É uma

prática trabalhosa, pois exige bastante planejamento, mas que pode proporcionar diversos momentos de aprendizagem significativa.

Inspirada pelo texto de Geraldi (2015), no qual o autor reflete sobre a identidade do professor, o questionamento 10 do Formulário online 2 buscou verificar se, de alguma maneira, as participantes acreditam que a experiência de intercâmbio tenha influenciado na formação de sua identidade enquanto docentes.

FO 2: 10 “Você acredita que a experiência de intercâmbio tenha influenciado em sua identidade como docente? Comente/exemplifique.”

RESPOSTA: *Sem dúvidas, o intercâmbio influenciou em todos os aspectos de minha vida. (Professora intercambista 1)*

RESPOSTA: *Sim, acredito que todo professor de idiomas nutre uma vontade de conhecer outros países e culturas, acredito que seja o motivo principal pelos quais os alunos se motivam a aprender, a oportunidade de conhecer diversos países. (Professora intercambista 3)*

As respostas fornecidas pelas participantes 1 e 3 retomam aspectos vistos anteriormente. Após terem discorrido sobre as diversas áreas afetadas pela experiência, a Professora 1 conclui que o intercâmbio afetou todos os aspectos de sua vida. A Professora 3 aponta algo que recorrente em perguntas anteriores, fazendo referência a como o fato de as professoras de Língua Inglesa terem tido uma experiência de intercâmbio intensifica a curiosidade dos estudantes, inspirando-os tanto para o aprendizado quanto para terem suas próprias experiências no exterior.

Outras respostas:

RESPOSTA: *Claro que sim, como comentei anteriormente... Me deu mais segurança para e como atuar em sala de aula, além de reforçar a questão de identidade como docente que (até então) havia aprendido inglês sem nenhum contato com o exterior - de*

*que é possível sim ser um bom profissional e saber ensinar sem ter esse tipo de experiência. (Professora intercambista 4)*

*RESPOSTA: Sim, pois através do primeiro intercâmbio me senti segura com o idioma e preparada para passar os meus conhecimentos linguísticos para outras pessoas. (Professora intercambista 7)*

Os relatos das Professoras intercambistas 4 e 7 também remontam a questões previamente discutidas. Nesses casos, as docentes argumentam que as vivências as prepararam melhor para enfrentar os desafios da sala de aula, deixando-as mais seguras. Ademais, a participante 4 levanta uma questão de suma importância, ao se referir que a experiência de intercâmbio não é a mais importante referência para um professor de idiomas, pois existem hoje docentes de Língua Inglesa excelentes, mas que não tiveram a oportunidade de se aventurar no exterior.

Demais respostas afirmativas:

*RESPOSTA: Sim, nunca voltamos o mesmo de nenhuma viagem, seja a estudo ou não. Foi minha primeira viagem solo. Então voltei mais independente. Também voltei muito mais reflexiva sobre como fazer todos os alunos participarem dos momentos de prática, uma vez que eu tive dois professores: um que chamava todos para participar e um que deixava só quem queria. Claramente o que engajava todo mundo, dava uma aula melhor, na minha opinião, eu seria que todo mundo estava aprendendo. (Professora intercambista 2)*

*RESPOSTA: Sim, pois me deu maior segurança em sala de aula. Ter ido para lá e ter conseguido entender e me fazer entender foi uma confirmação muito importante para mim mesma de que eu era capacitada para dar aulas. Além disso, todas as experiências incríveis que vivi lá são parte de quem sou hoje, então influencia na forma que encaro a vida, em saber que o mundo é muito grande, há diversidade nas pessoas, que o idioma é vivo e é muito amplo... Acredito que indiretamente acabo passando isso*

*para os alunos, ou até diretamente quando conto histórias que aconteceram comigo lá. (Professora intercambista 5)*

*RESPOSTA: Sim, acredito que a experiência de intercâmbio influenciou significativamente minha identidade como docente. Vivenciar outra cultura me ajudou a ampliar minha visão de mundo, o que se reflete na forma como abordo o ensino. Por exemplo, sou mais aberta a incorporar diferentes perspectivas culturais nas aulas, o que enriquece o aprendizado dos alunos. Além disso, a experiência me tornou mais flexível e adaptável, qualidades que considero essenciais para lidar com as diversas necessidades dos alunos. Também passei a valorizar mais a importância da empatia e da comunicação intercultural, buscando sempre criar um ambiente de sala de aula onde todos se sintam respeitados e motivados a aprender. (Professora intercambista 6)*

Durante toda a pesquisa, muito se utilizou a palavra *experiência* e, nesta parte mais prática, analisou-se com maior ênfase o sujeito que se aventurou em um intercâmbio de idiomas. Segundo Jorge Larrosa (2002, p. 25), “O sujeito da experiência tem algo desse ser fascinante que se expõe atravessando um espaço indeterminado e perigoso, pondo-se nele à prova e buscando nele sua oportunidade, sua ocasião.”

Percebi em comum a todas as participantes uma grande coragem e vontade de experienciar o novo, o desconhecido. Como as relações multiculturais que tiveram com colegas, professores e pessoas no geral modificaram tanto a sua prática docente quanto sua maneira de se ver enquanto cidadão do mundo. Ao falar da sua profissão docente, Paulo Freire coloca que,

Gosto de ser gente porque, mesmo sabendo que as condições materiais, econômicas, sociais e políticas, culturais e ideológicas em que nos achamos geram quase sempre barreiras de difícil superação para o cumprimento de nossa tarefa histórica de mudar o mundo, sei também que os obstáculos não se eternizam (Freire, 1996, p. 53).

É de amplo conhecimento que a docência, assim como as demais profissões, enfrenta desafios diários. Acredito que, ao menos uma grande parte dos professores de línguas que buscam uma experiência de intercâmbio esperam retornar ao seu país com inspirações e novas ideias.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste estudo, busquei estabelecer uma relação entre as experiências de intercâmbios educacionais de professores de língua inglesa e as marcas significativas dessas experiências em suas práticas didáticas docentes. A análise dos dados obtidos através dos formulários online enviados as participantes foi pautada na reflexão acerca das teorias e da revisão da literatura, com o objetivo de responder o problema de pesquisa: “Qual a importância do intercâmbio de idiomas na formação profissional de professores da área de Letras e de que modo a experiência influencia na prática pedagógica docente?”.

Assim, o problema de pesquisa foi respondido ao compreendermos que o intercâmbio de idiomas é uma experiência que afeta não apenas o docente enquanto profissional, mas também, enquanto cidadão do mundo.

Com base nas respostas obtidas e das análises realizadas, é perceptível que a experiência de intercâmbio possui como principal motivação o aprimoramento do conhecimento linguístico, mas é notável uma grande vontade de conhecer novas culturas e, assim, entrar em contato com pessoas de diversos lugares do mundo.

É a partir desta vontade de conhecer, o até então desconhecido, que faz com que os sujeitos intercambistas enfrentem desafios diários, pois estão fora de sua zona de conforto. Assim, desenvolvem habilidades para além das relacionadas ao idioma, aprimorando a sua capacidade de resolução de problemas, autonomia e independência. Também experienciam um sentimento de estarem livres das observações e dos julgamentos que sofrem no lugar onde vivem em seu país de origem.

É a partir do contato com o multiculturalismo presente na experiência de intercâmbio que as docentes se sensibilizam e se transformam. Conhecer a cultura de outro lugar se torna mais complexo do que apenas provar as comidas típicas e visitar os pontos turísticos. A interação com o outro, a necessidade de se fazer entender e entender o outro, acarreta em uma comunicação mais sensível e empática.

O intercâmbio também sensibilizou as docentes pois, nesta experiência, voltaram a ser estudantes, com semelhanças de atitudes com os quais costumam lecionar. Esta

não é uma inversão fácil a ser feita, entretanto proporciona a docente refletir sobre sua prática e sobre as especificidades/singularidades de seus estudantes. E ao observar todas estas particularidades, a docente poderá sentir-se motivada a buscar novas maneiras para fazer com que o ambiente de ensino-aprendizagem seja mais acolhedor e compreensível.

A dinâmica vivenciada pelas participantes em suas experiências no exterior pode servir de inspiração para todas as pessoas, especialmente, para professores e professoras. O que marca esta experiência é que algo sempre se transforma, que não voltamos de um intercâmbio exatamente iguais a como fomos.

Aprender uma nova língua requer interação e o intercâmbio é uma ótima oportunidade para se comunicar com novas pessoas, em um novo ambiente. Para além disso, é a partir das práticas para a educação intercultural a qual se submetem na experiência de intercâmbio que procuram transformar suas aulas de inglês em um espaço de ensino e aprendizagem acessível a todos.

Ao finalizar esta pesquisa que envolveu tantas memórias, minhas e das docentes participantes, e que proporcionou tamanha reflexão acerca da prática docente, afirmo que esta é uma experiência significativa e única para cada indivíduo, da qual resultam diferentes ensinamentos. Assim, quando tiveres a oportunidade de viajar para algum lugar novo, não deixe de ir! Encontre forças! Encontre os meios! Vá! Especialmente, aos docentes de língua inglesa, que por algum motivo não possam, neste momento, vivenciar um intercâmbio de idiomas, que se inspirem naqueles que foram e que jamais desistam desse sonho, pois é inesquecível!

## REFERÊNCIAS

ALLOATI, Magali N. **Guia de comunicação intercultural** / [conteúdo] Magali N. Alloatti; [organização e revisão] Isadora Steffens, Marina Faleiro, Thamirys Lunardi. -- Brasília, DF: OIM, 2022.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BELLANI, Brenda. **Pesquisa da Belta aponta perfil dos intercambistas brasileiros**. Hotcourses Brasil, 2016. Disponível em: <https://www.hotcourses.com.br/study-abroad-info/latest-news/pesquisa-da-belta-aponta-perfil-dos-intercambistas-brasileiros/#:~:text=Os%20gestores%20indicaram%20que%20o%20p%C3%ABlico%20entre,os%20motivos%20principais%20a%20optar%20por%20um>. Acesso em: 20 set. 2024.

BRASIL. MEC. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio**. Brasília, 2000.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Segmentação do Turismo: Marcos Conceituais**. Brasília: Ministério do Turismo, 2006.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Estrangeira**. Ministério da Educação e do Desporto: Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, 1999.

BRITISH COUNCIL. **Demandas de aprendizagem de inglês no Brasil**. Elaborado pelo Instituto de Pesquisa Data Popular. 1. ed. São Paulo, 2013. Disponível em: <https://www.britishcouncil.org.br/pesquisas-infograficos>. Acesso em: 20 maio 2024.

BRUM, A. L.; BEDIN, G. A. Globalização e Desenvolvimento: algumas reflexões do mundo atual e suas implicações no processo de desenvolvimento. **Desenvolvimento Em Questão**, v. 1, n. 2, p. 9–35, 2011. Disponível em: <https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/desenvolvimentoemquestao/article/view/77>. Acesso em 15 ago. 2024.

CAPES. Programa de Desenvolvimento Profissional para Professores de Língua Inglesa nos Estados Unidos (PDPI). Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/educacao-basica/programas-de-cooperacao-internacional-de-formacao-de-professores-da-educacao-basica/programa-de-desenvolvimento-profissional-para-professores-de-lingua-inglesa-nos-estados-unidos-pdpi>. Acesso em: 7 out. 2024.

CARAZZAI, Marcia Regina Pawlas; SANTIN, Francieli. Correção de erros gramaticais orais na sala de aula de Inglês-LE: um estudo da prática das crenças de uma professora. **Revista Letras**, Curitiba, v. 2007, n. 73, p.109-126, set/dez. 2007.

CRESCIMENTO do mercado de intercâmbio no 1º semestre de 2024. **Belta**, São Paulo, 05 abr. 2024. Disponível em: <https://www.belta.org.br/crescimento-do-mercado-de-intercambio-no-1o-semester-de-2024/>. Acesso em 15 ago. 2024.

DIAS, Mauricio. **Sete décadas de história**: Sociedade Brasileira de Cultura Inglesa. Rio de Janeiro, Sextante Artes, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GERALDI, João Wanderley. **A aula como acontecimento**. In: \_\_\_\_\_. A aula como acontecimento. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010. cap. 8, p. 81-101.

LARROSA, Jorge. **Elogio da escola**. Tradução: Fernando Coelho. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018a.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, abr. 2002. Disponível em: [http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-24782002000100003&lng=es&nrm=iso](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782002000100003&lng=es&nrm=iso). Acesso em 20 de ago. de 2024.

LEFFA, Vilson J.; IRALA, Valesca Brasil. O ensino de outra(s) língua(s) na contemporaneidade: questões conceituais e metodológicas. In: Vilson J. LEFFA; Valesca B. IRALA. (Orgs.). **Uma espiadinha na sala de aula: ensinando línguas adicionais no Brasil**. Pelotas: Educat, 2014, p. 21-48. Disponível em [https://www.leffa.pro.br/textos/trabalhos/03\\_Leffa\\_Valesca.pdf](https://www.leffa.pro.br/textos/trabalhos/03_Leffa_Valesca.pdf). Acesso em 20 de set. de 2024.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **MEC aprova novas diretrizes para formação de professores**. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/noticias/2024/maio/mec-aprova-novas-diretrizes-para-formacao-de-professores>. Acesso em 7 out. de 2024.

MIPEX. Main Findings. Disponível em: [https://www.mipex.eu/key-findings#:~:text=within%20each%20group:-,1.,%E2%80%A2%20USA%20\(73\)](https://www.mipex.eu/key-findings#:~:text=within%20each%20group:-,1.,%E2%80%A2%20USA%20(73)). Acesso em 10 nov. 2024.

MOACYR, Primitivo. **A instrução e o Império** (subsídios para a história da educação no Brasil) 1823- 1853. v. 1. São Paulo: Nacional, 1936.

NÓVOA, António. **Profissão: Professor**. Reflexões Históricas e Sociológicas, Análise Psicológica, 1-2-3 (VII), p.435-456, 1989.

OBSERVATÓRIO PARA O ENSINO DA LÍNGUA INGLESA. **Professoras e Professores de Inglês no Brasil**: Retratos de uma Profissão a partir do Censo Escolar e do Censo da Educação Superior. São Paulo: British Council, 2021.

OLIVEIRA, A. Abordagens alternativas no ensino de inglês. In: LIMA, Diogenes Candido. (Org.). **Ensino e aprendizagem de língua inglesa: conversas com especialistas**. São Paulo: Parábola, 2009. p. 141-150.

OLIVEIRA, A. L. DE; FREITAS, M. E. DE. Motivações para a mobilidade acadêmica internacional: a visão de alunos e professores universitários. **Educação em Revista**, v. 32, n. 3, p. 217–246, set. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/dpPjRHVbBtHfhGS574xnxmG/>. Acesso em 07 de outubro de 2024.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira. **Autonomia e complexidade**. Linguagem & Ensino, Pelotas, v. 9, n. 1, p. 77-127, jan./jun. 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/rle/article/view/15628>. Acesso em 25 setembro 2024.

PAIVA, V.L.M.O. A LDB e a legislação vigente sobre o ensino e a formação de professor de língua inglesa. In: STEVENS, C.M.T e CUNHA, M.J. **Caminhos e Colheitas: ensino e pesquisa na área de inglês no Brasil**. Brasília: UnB, 2003. p.53-84. Disponível em: <https://www.veramenezes.com/ensino.htm>. Acesso em 05 de outubro de 2024.

PAIVA, Vera L.M.O. Como o sujeito vê a aquisição de segunda língua In: CORTINA, A.;NASSER. S.M.G.C. **Sujeito e Linguagem**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

PAIVA, V.L.M.O. Como se aprende uma língua estrangeira? In: ANASTÁCIO, E.B.A.; MALHEIROS, M.R.T.L.; FIGLIOLINI, M.C.R. (Orgs). **Tendências contemporâneas em Letras**. Campo Grande: Editora da UNIDERP, 2005. p. 127-140. Disponível em: <https://www.veramenezes.com/como.htm>. Acesso em 30 de setembro de 2024.

PAIVA, V.L.M.O. Interação e aquisição de segunda língua: uma perspectiva ecológica. In: GERHARDT, Ana Flávia Lopes Magela; AMORIM, Marcel Alvaro de; CARVALHO, Alvaro Monteiro (Orgs.) **Linguística aplicada e ensino de língua e literatura**. Campinas: Pontes Editores, 2013. p.187-205

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira. O ensino de língua estrangeira e a questão da autonomia.In: LIMA, D.C. (Org.). **Ensino e aprendizagem de língua inglesa: conversas com especialistas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009. p.31-38. Disponível em: <https://www.veramenezes.com/leauto.pdf>. Acesso em 25 setembro 2024.

PÓS-PANDEMIA: mercado de educação internacional se consolida e cresce 18%, revela pesquisa Selo Belta 2023 – **Belta**, São Paulo, 26 maio de 2024. Disponível em: <https://www.belta.org.br/pos-pandemia-mercado-de-educacao-internacional-se-consolida-e-cresce-18-revela-pesquisa-selo-belta-2023/>. Acesso em 16 ago. 2024.

SANTOS, C. W. DOS. O Desenvolvimento das licenciaturas no Brasil: Dilemas, perspectivas e política de formação. **Revista HISTEDBR On-line**, v. 19, p. 1–19, 4 jun.

2019. Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8652339>. Acesso em 05 de outubro de 2024.

SERRANO, Layane. **Os países mais procurados por brasileiros para estudar e trabalhar, segundo a Belta**. Exame, 18 de maio de 2024. Disponível em:

<https://exame.com/carreira/os-paises-mais-procurados-por-brasileiros-para-estudar-e-trabalhar-segundo-a-belta/>. Acesso em 20 de set. de 2024.

SILVA, Flávia Matias. O ensino de língua inglesa sob uma perspectiva intercultural: caminhos e desafios. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, SP, v. 58, n. 1, p. 158–176, 2019. Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8654189>. Acesso em: 16 nov. 2024.

SOLER MOREJON, Caridade de Deus. “A internacionalização do conhecimento”. **Educ Med Super**. Cidade de Havana, v. 34, n. 1, março de 2020. Disponível em:

[http://scielo.sld.cu/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0864-21412020000100018&lng=es&nrm=iso](http://scielo.sld.cu/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0864-21412020000100018&lng=es&nrm=iso). Acesso em 17 de ago. de 2024.

WERNECK, Vera Rudge. Uma avaliação sobre a relação multiculturalismo e educação. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, [S.l.], v. 16, n. 60, p. 413-436, July 2015. ISSN 1809-4465. Disponível em:

<<https://revistas.cesgranrio.org.br/index.php/ensaio/article/view/665>>. Acesso em: 02 nov. 2024.

ZABALA, Antoni. **Enfoque Globalizador e Pensamento Complexo**: uma proposta para o currículo escolar. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.

ZEIDAN, Adam. "languages by total number of speakers". **Encyclopedia Britannica**, 2023. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/languages-by-total-number-of-speakers-2228881>. Acesso em 17 de ago. de 2024.

## APÊNDICE A – FORMULÁRIO ONLINE 1

Pesquisa de TCC – Licenciatura em Letras (Português e Inglês)

*Me chamo Anna Luiza e sou aluna do curso de Licenciatura em Letras (Português e Inglês) do IFRS campus Feliz, e estou realizando a minha pesquisa de TCC: "Intercâmbio de idiomas e formação de professores: uma reflexão sobre as contribuições para a prática pedagógica", com orientação da Professora Carine Winck Lopes (IFRS - campus Feliz). O objetivo deste estudo é compreender de que modo o intercâmbio na área de idiomas influencia na formação de professores da área de Letras, refletindo sobre diversos aspectos proporcionados por esta experiência. Adoraria que você compartilhasse sobre sua experiência para contribuir com meu trabalho de pesquisa. Este é apenas um questionário introdutório, para a seleção dos participantes. Desde já, agradeço sua participação!*

1 - Nome completo:

2 - Idade:

3 - Sexo:

4 - Formação:

5 - País escolhido para o intercâmbio:

6 - Período da realização do intercâmbio:

7 - Escola em que estudou durante o intercâmbio:

## APÊNDICE B – FORMULÁRIO ONLINE 2

Pesquisa de TCC: “Intercâmbio de idiomas e formação de professores: uma reflexão sobre as contribuições para a prática pedagógica”

- 1 - Há quanto tempo você atua lecionando Língua Inglesa?
- 2 - Em que ano você realizou o intercâmbio? Qual foi o tempo de duração da experiência?
- 3 - Quais foram os motivos que o(a) levaram a realizar uma experiência de intercâmbio? (Lembre-se quanto mais informações, mais enriquecedor será a pesquisa)
- 4 - Quais foram os motivos que o(a) levaram a escolher esse país?
- 5 - Quais eram suas expectativas em relação ao intercâmbio?
- 6 - Quais foram os resultados percebidos com o intercâmbio em relação a contribuições PESSOAIS? Comente/exemplifique.
- 7 - Quais foram os resultados percebidos com o intercâmbio em relação a contribuições CULTURAIS? Comente/exemplifique
- 8 - Quais foram os resultados percebidos com o intercâmbio em relação a contribuições PROFISSIONAIS? Comente/exemplifique.
- 9 - Você utiliza seus aprendizados no exterior na sua prática docente (planejamento das aulas, relação com estudantes, uso de novas metodologias, etc)? Comente/exemplifique. (Lembre-se quanto mais informações, mais enriquecedor será a pesquisa)
- 10 - Você acredita que a experiência de intercâmbio tenha influenciado em sua identidade como docente? Comente/exemplifique.
- 11 - Quais conhecimentos, habilidades e atitudes, você consegue perceber que adquiriu no seu intercâmbio? Quais utiliza no seu dia a dia? De que forma?

## APÊNDICE C:

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) Professor(a):

Você está sendo convidado(a) para participar da pesquisa intitulada: “Intercâmbio de idiomas e formação de professores: uma reflexão sobre as contribuições para a prática pedagógica”, que tem como objetivo compreender **as influências da experiência de intercâmbio sobre o seu fazer docente**. O material empírico da pesquisa será produzido de modo virtual, através de questionário on-line, construído no Google Forms. O questionário on-line envolverá questões estruturadas (abertas e fechadas), **sobre formação, experiências e docência dos Professores(as) de Língua Inglesa**. Os dados produzidos serão utilizados exclusivamente para fins de pesquisa e serão mantidos em arquivo pessoal da pesquisadora durante 5 anos e, após, excluídos. Esta pesquisa está vinculado ao Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Letras – Português e Inglês, desenvolvido no Campus Feliz do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul.

Este estudo apresentará risco mínimo a você, como o fato de sentir algum desconforto ou cansaço ao responder o questionário. Caso isso ocorra, você poderá desistir da participação na pesquisa, em qualquer momento, sem que haja problema algum, ou seja, você tem a garantia de plena liberdade, tanto de se recusar a participar ou de retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma. Além disso, diante de qualquer tipo de questionamento ou dúvida, você poderá realizar o contato imediato com a pesquisadora responsável pelo estudo, que fornecerá os esclarecimentos necessários. Saliento que a sua participação neste estudo é de extrema importância, uma vez que auxiliará na produção de outros conhecimentos sobre **a relação do intercâmbio e docência de Professores(as) de Língua Inglesa**.

Assim, estão assegurados a você os seguintes direitos:

- da liberdade de retirar o seu consentimento, a qualquer momento, sendo que poderá deixar de participar do estudo, sem que isso lhe traga prejuízo de qualquer ordem;
- da segurança de que não será identificado(a) e que será mantido caráter confidencial das informações relacionadas à sua privacidade;
- do compromisso de ter acesso às informações em todas as etapas do estudo, bem como aos resultados, ainda que isso possa afetar o seu interesse em continuar participando da pesquisa;
- de que não haverá nenhum tipo de despesa ou ônus financeiro relacionado com a sua participação nesse estudo;
- de que você pode se recusar a responder qualquer pergunta que julgar constrangedora ou inadequada;
- de que você poderá obter o acesso a este TCLE em papel ou no formato adequado à sua especificidade, em qualquer momento, bastando solicitá-lo à pesquisadora.
- de que serão mantidos todos os preceitos ético-legais durante e após o término da pesquisa, de acordo com as Resoluções 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde.

Desde já, agradecemos a sua participação.

Atenciosamente,

Anna Luiza Bencke Rohr e Carine Winck Lopes.